

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC – SP

Fabiola Weber

AS PLACAS DE PEDRA

Estudo exegético de um objeto marcante nas tradições exodais

Mestrado em Teologia

São Paulo

2020

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC – SP

Fabíola Weber

AS PLACAS DE PEDRA

Estudo exegético de um objeto marcante nas tradições exodais

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia sob a orientação do Prof. Dr. Matthias Grenzer.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

“Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer [...]. De fato o homem tem uma lei escrita por Deus em seu coração [...]. A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo”. (Compêndio do Vaticano II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, nº 16)

Dedico aos meus filhos *João Vitor* e *José Miguel*, que me ensinam a ser mãe, me interpelam ao diálogo constante, ao respeito e responsabilidade por quem são: seres humanos únicos e imagem e semelhança de Deus. Entre nós seu Espírito Santo habita e ressoa o silêncio de Maria. Vivemos nossas experiências, atravessamos o nosso deserto, aprendemos a buscar o nosso oásis. Gratidão, eu nasci de novo! Eu amo vocês e vai ser sempre assim.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

AS PLACAS DE PEDRA

Estudo exegético de um objeto marcante nas tradições exodais

RESUMO

Com quarenta e três presenças na Bíblia Hebraica, as assim chamadas “placas de pedra” ganham uma representatividade ímpar na narrativa exodal, sendo que esta apresenta o evento fundante da religião do antigo Israel. Vale a pena descobrir, de forma mais exata, as conotações simbólicas que tal objeto possui. Por isso, a pesquisa investe num estudo pormenorizado e, portanto, exegético do objeto em questão, investigando sua materialidade, o conteúdo nele inscrito, a questão de autoria e sua permanência. Narra-se que as placas eram de pedra. Por isso, optou-se aqui pelo conceito "placas", em vez de ficar com o vocábulo "tábuas", sendo que tábuas, em princípio, levam a pensar na materialidade da madeira. Outros pormenores serão focados: a circunstância de que eram duas; a ideia de que a inscrição se estendia aos dois lados; o fato de que havia um primeiro par de placas, o qual, após sua destruição por parte de Moisés, foi substituído por um segundo par de placas; a questão de que foram esculpidas por Moisés, mas receberam a escrita da parte de Deus. Junto a isso, espaços ganham importância em torno desse objeto: ora o monte Sinai, ora a arca. Enfim, observou-se, por excelência, como as tradições exodais valorizam o que se podia ler nas placas, chamando tal conteúdo de instrução, mandamentos, dez palavras, testemunho e/ou palavras da aliança. Assim, tornaram-se, provavelmente, o objeto mais simbólico e representativo no que se refere ao evento do êxodo e, com isso, à história da salvação experimentada por Israel. A iconografia revela isso até os dias atuais, justamente por continuar a apresentar Moisés, sempre de novo, com as placas de pedra em seus braços.

Palavras-chave: Placas de pedra, Moisés, Êxodo, Decálogo.

STONES TABLETS

Exegetical Study of a memorable object of the exodal traditions

ABSTRACT

With forty-three presences in the Hebrew Bible, the so-called “stone plates” gain a unique representation in the Exodus narrative, which presents the founding event of the religion of Ancient Israel. It is worth discovering more precisely the symbolic connotations of such object. Thus, the research invests in a detailed and, therefore, exegetical study of the object at hand, investigating its materiality, its content, the matter of authorship and its permanence. It is reported that the plates were made of stone. For this reason, the concept of “plates” was chosen here instead of the word “boards”, because boards, in principle, lead us to think about the materiality of wood. Other details will be addressed: the circumstance that there were two; the idea that the inscription extended on both sides; the fact that there was a first pair of plates, which, after their destruction by Moses, was replaced by a second pair of plates; the fact that were carved by Moses, but received the writing from God. Along with this, places gain importance around this object: at times Mount Sinai, at others the ark. Finally, it is observed, par excellence, how Exodus traditions value what could be read on the plates, naming the content as instruction, commandments, ten words, testimony, and/or covenant words. Thus, they have probably become the most symbolic and representative object with regard to the exodus event and thus to the history of salvation experienced by Israel. Iconography reveals this to the present day, precisely by continuing to present Moses, over again, with the stone plates in his arms.

Keywords: Stone plates, Moses, Exodus, Decalogue.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
Objeto material.....	11
Objeto formal.....	11
Avanço da pesquisa.....	13
Modo de citar.....	14
1. A materialidade das placas.....	16
1.1. Placas de pedra.....	22
1.2. Lavradas e esculpidas.....	29
1.3. Duas placas.....	30
1.4. Primeiras e segundas placas.....	32
1.5. Os dois lados.....	33
1.6. Arremessadas e despedaçadas.....	36
1.7. Vinculadas à arca e a um monte.....	38
2. Autoria e conteúdo inscrito.....	43
2.1. O dedo de Deus.....	43
2.2. Deus como quem escreve.....	47
2.3. Aos cuidados de Moisés.....	53
2.4. As dez palavras.....	58
2.5. Placas do testemunho.....	63
2.6. Palavras da Aliança.....	67
2.7. Instrução e mandamento.....	69
Considerações Finais.....	72
Referências bibliográficas.....	86

INTRODUÇÃO

Em seus últimos quatro livros: Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, o Pentateuco apresenta a macronarrativa sobre o êxodo¹. Narra-se como os filhos de Israel, brutalmente oprimidos no Egito, conseguiram sair fisicamente da sociedade que os oprimia, atravessaram o deserto, constituindo-se como sociedade juridicamente organizada, e se instalaram nas terras de Canaã, para ali construírem uma sociedade alternativa, insistindo-se na ausência de pessoas totalmente empobrecidas.

Em princípio, a macronarrativa sobre o êxodo revela uma estrutura formada por três partes ou seções maiores, observando-se as notícias geográficas e o movimento dos que caminham rumo à liberdade: saída, passagem e chegada. Segue a estrutura literária da narrativa sobre o êxodo:

Ex 13,17-15,21	A saída do Egito
Ex 15,22-Nm 10,10	A travessia do deserto
	Ex 15,22-18,27: do mar dos Juncos ao monte Sinai
	Ex 19,1-Nm 10,10: no monte Sinai
	Nm 10,11-21,20: do monte Sinai à terra prometida
Nm 21,21-Js 12	A chegada à terra prometida ²

De certa forma, também aquilo que é narrado antes de Ex 13,17, faz parte da macronarrativa sobre o êxodo. No caso, o livro do Gênesis apresenta como, em meio à humanidade (cf. Gn 1,1-11,26), se dão as origens do povo de Israel, justamente a partir dos patriarcas Abraão, Isaque, Jacó (cf. Gn 11,27-37,1) e dos doze filhos de Jacó (cf. Gn 37,2-50,26), e também das matriarcas Rebeca, Sara, Raquel e Lia³. Justamente a partir da narrativa sobre José e seus irmãos, o leitor do Pentateuco fica sabendo como os/as ancestrais do povo de Israel chegaram a se instalar, de forma mais duradoura, nas terras

¹ Quando o termo Êxodo se refere ao segundo livro do Pentateuco, ele é apresentado com letra maiúscula, por indicar o nome próprio. Em contrapartida, ao pensar no projeto do êxodo, ou seja, da saída, história narrada nos últimos quatro livros do Pentateuco, o termo em questão é apresentado com letra minúscula.

² Leonardo Agostini FERNANDES; Matthias GRENZER, **Êxodo 15,22-18,27**, p. 6.

³ Eckart OTTO. **A Lei de Moisés**, p. 28-38.

do Egito. Segundo a cronologia proposta pela narrativa bíblica, se trata de um período de “quatrocentos” (Gn 15,13) ou “quatrocentos e trinta anos” (Ex 12,40).

A chegada e presença de Jacó, José e seus irmãos como imigrantes no Egito, inicialmente, se transformou em uma história bem-sucedida, mais tarde o destino dos descendentes daquelas “setenta pessoas” (Ex 1,5) mudou de forma dramática. Foram brutalmente oprimidos, sem que alguma tentativa humana de melhorar a situação resultasse numa mudança significativa para todo o povo dos oprimidos. É o que os primeiros capítulos do livro do Êxodo narram (cf. Ex 1,1 –13,16)⁴.

As parteiras das hebreias, por exemplo, foram substituídas pelos egípcios, quando desobedeceram à ordem do faraó de matarem todos os meninos hebreus recém-nascidos (cf. Ex 1,15-22)⁵. A filha do faraó apenas salvou uma criancinha hebreia (cf. Ex 2,1-10)⁶. Moisés precisou fugir após ter ferido mortalmente o egípcio, ao investir na defesa de um hebreu que estava sendo agredido (cf. Ex 2,11b-15)⁷. Mais tarde, a tentativa de Moisés e Aarão negociarem a liberdade dos hebreus oprimidos com o faraó resultou num desastre, sendo que o rei do Egito apenas aumentou a carga de serviços (cf. Ex 5). Com isso, o leitor da macronarrativa do êxodo ganha a impressão que o projeto de libertação de todo o povo oprimido somente se torna viável como ação de Deus.

O Pentateuco e, em especial, seus últimos quatro livros, se caracteriza pela alternância entre as narrativas, que contam a história do êxodo, e conjuntos de leis. Referente a estes últimos, sejam lembrados, sobretudo, o Decálogo (cf. Ex 20,1-17; Dt 5,6-21), o Código da Aliança (cf. Ex 20,22-23,33), o Código da Santidade (cf. Lv 17-26) e o Código Deuteronômico (cf. Dt 12-26). Observa-se a dinâmica que também ganha destaque no início do decálogo: uma experiência histórica de libertação é transformada em um projeto jurídico, a fim de que os oprimidos nunca mais perdessem a liberdade que Deus lhes ofereceu como graça, dádiva e/ou presente.

Ainda é importante destacar que a reflexão aqui estabelecida parte, antes de tudo, da leitura sincrônica do texto final da obra literária do Pentateuco. Tal leitura é

⁴ No que se refere à estrutura literária do Pentateuco, ver, por excelência, os seguintes estudos introdutórios: Jean-Louis SKA. **Introdução à leitura do Pentateuco**, p.31-54, Félix GARCIA López. **O Pentateuco: Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia**, p. 109-177; Eckart OTTO. **A lei de Moisés**, p. 39-46.

⁵ Alex Villas BOAS; Matthias GRENZER, **A resistência das parteiras (Ex 1,15-22)**. Especificidades de uma teologia literário-narrativa, p. 129-152.

⁶ Matthias GRENZER. **O projeto do êxodo**, p. 24-30.

⁷ Matthias GRENZER. **Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c)**, p. 141-163.

possível, sendo que o conjunto dos textos a permite, por existir uma maior uniformidade literária. Isso, por sua vez, não quer dizer que todos os textos fossem o resultado da mesma autoria ou tivessem nascido no mesmo momento. O Pentateuco, historicamente, é o resultado de processos amplos de redações e compilações, sendo que diferentes materiais literários foram aproveitados. Estudos diacrônicos, em parte, conseguem esclarecer tais processos de redação. Contudo, o que o leitor tem a sua frente é o texto final⁸.

Objeto material

O objeto material são os textos bíblicos que envolvem as *placas de pedra* que receberam uma inscrição divina. Pertencem ao contexto histórico-geográfico e cultural do antigo Israel e, com isso, do antigo Oriente Próximo, isso pode ter sido de forma real ou imaginada. De qualquer forma, conhecem-se *placas de pedra* com inscrições nas mais diversas culturas do antigo Oriente e no decorrer da pesquisa pretende-se responder o que tais placas representam na cultura e na vida das antigas sociedades, que juntamente com estudos histórico-culturais podem ser úteis para, de modo comparativo, descobrir a importância das *placas de pedra* nas tradições do êxodo.

Para favorecer a leitura do estudo, todos os versículos serão citados em hebraico, língua em que originalmente foram compostos, e em português. No caso, a tradução portuguesa já pressupõe os estudos a serem realizados a seguir.

Objeto formal

Enquanto o objeto material indica ou visa àquilo a que se dirige o conhecimento, no caso, a expressão *placa*, sua carga semântica e seu uso nos textos da Bíblia Hebraica, o objeto formal define a forma, o modo ou o ponto de vista específico com que o objeto material é investigado. Fundamentalmente, trata-se da metodologia ou do corte epistemológico favorecidos no decorrer da pesquisa.

⁸ Jean-Louis SKA, Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos. In: **Pentateuco da formação à recepção**. p. 13-88.

A pesquisa parte de um estudo comparativo. Serão visitados todos os textos na Bíblia Hebraica que apresentam a expressão em questão. Com isso, se cultiva a expectativa de que os diversos trechos, em seu conjunto, ofereçam uma série de informações que talvez possam permitir um conhecimento mais seguro sobre as *placas*, algo que a leitura isolada de um ou outro versículo jamais poderia garantir. Quer dizer, a investigação favorece uma exegese canônica da Bíblia Hebraica, imaginando-se que os textos possam explicar-se mutuamente, e ressaltando que a interpretação partindo da Bíblia em seu conjunto pode conduzir de maneira satisfatória a tarefa teológica de interpretação, tarefa muitas vezes dificultada quando utilizado apenas um método para a exegese⁹.

Para fazê-lo, ela interpreta cada texto bíblico à luz do Cânon das Escrituras, isto é, da Bíblia enquanto recebida como norma de fé por uma comunidade de fiéis. Ela procura situar cada texto no interior do único desígnio de Deus, com o objetivo de chegar a uma atualização da Escritura para o nosso tempo. Ela não pretende substituir o método histórico-crítico, mas deseja complementá-lo.

Além disso, segue-se no estudo o que a moderna metodologia exegética¹⁰ comumente indica como caminho de interpretação dos textos bíblicos. Nesse sentido, a Bíblia será respeitada como literatura¹¹, sabendo-se que ela mesma se apresenta com maior qualidade literária. Ou seja, os textos foram artisticamente compostos, sendo que seus autores souberam empregar os mais diversos elementos estilísticos e gêneros literários.

No mais, trata-se de literatura antiga, a qual, em seu mundo narrado e na parte de sua autoria, envolve seu contexto histórico-geográfico e cultural-religioso. Finalmente, os textos bíblicos em questão são literatura religiosa e/ou teológica. Ou seja, o interesse principal das tradições bíblicas e, em especial, da Bíblia Hebraica é refletir sobre o Senhor, Deus de Israel, e sobre os modelos de fé e comportamento que deveriam nortear as convivências e a busca de sobrevivências por parte de quem se compreende como povo deste Deus.

⁹ Pontifícia Comissão Bíblica: **A interpretação da Bíblia na Igreja**, capítulo I: Métodos e abordagens para interpretação e capítulo III: Dimensões características da interpretação.

¹⁰ Maria de Lourdes Corrêa LIMA, **Exegese Bíblica: teoria e prática**, p. 9-53; Cássio Murilo Dias da SILVA, **Metodologia de Exegese Bíblica**, p. 83-173.

¹¹ Cássio Murilo Dias da SILVA, **Leia a Bíblia como literatura**, p. 9-64.

Enfim, ao pesquisar as *placas*, será investigado um motivo literário que, no conjunto dos textos da Bíblia Hebraica, patrimônio cultural da humanidade como literatura clássica, ganhou determinada importância, lembrando que um texto como obra literária só é possível quando leitores se apropriam dele, podendo ser feita de maneira individual ou comunitária tomando forma, portanto, em diferentes domínios: literário, artístico, teológico, ascético e místico¹², o que pode ser identificado no estudo mais aprofundado das *placas* como objeto marcante na iconografia e na comunidade que tem a Bíblia como o livro da igreja e “[...] a partir da imanência dela na vida eclesial, brota também a sua verdadeira hermenêutica”¹³.

Avanço da pesquisa

A lógica interna prevista pelo Sumário apresentará: no Capítulo 1 a relação das citações que mencionam as *placas*, a sua materialidade, como sendo de madeira, de pedra, lavradas e esculpidas, sua quantidade, sua estrutura com dois lados e podendo ser lançadas e destroçadas ao chão, demonstrando a existência das primeiras placas e após estas serem destroçadas o surgimento das segundas placas, será descrito também os lugares os quais as tais *placas* pertencem, Sinai, o pé do Monte e a Arca. A autoria e o conteúdo da escrita que tais *placas* receberam serão descritos no Capítulo 2, escrita essa feita pelo dedo de Deus, dos dois lados da *placa*, esculpidas e entregues a Moisés, assim como o conteúdo de tal inscrição, discorrendo sobre a instrução e o mandamento nela contida, apresentadas ora como *placas* do Testemunho e ora como da Aliança, e também uma abordagem sobre as Dez palavras; a presença das *placas* na iconografia será abordada nas Considerações Finais juntamente com um resumo dos resultados dos capítulos trabalhados.

¹² Pontifícia Comissão Bíblica: **A interpretação da Bíblia na Igreja**. Capítulo 1: Métodos e abordagens para a interpretação, item C: Abordagens baseadas na tradição, sub item 3: Abordagem através da história dos efeitos do texto.

¹³ Exortação Apostólica pós-Sinodal **Verbum Domini**. I Parte: A hermenêutica da Sagrada Escritura para a Igreja. Item: A Igreja, lugar originário da hermenêutica da Bíblia [88].

Modo de citar

O estudo monográfico apresentado, de forma ampla, dialoga com outros estudos sobre o tema abordado, publicados em forma de Livros, Artigos em Periódicos Científicos, Capítulos em Livros, textos em Anais de Simpósios e Congressos e Verbetes em Dicionários.

As indicações dos estudos citados ocorrerão nas notas de rodapé, mencionando-se sempre o nome do(a) autor(a), o título do estudo e a(s) página(s) em que a citação pode ser encontrada. Para achar tal estudo nas Referências Bibliográficas no final da Dissertação, é preciso procurar pelo sobrenome principal, que é apresentado com maiúsculas. Ali também figurarão todos os dados referentes à publicação em questão (tipo de obra, cidade, editora, ano de publicação, etc.). No caso de algumas citações de Dicionários, será citado o autor do verbete, nome do verbete, o título do Dicionário e o número da página, nas Referências Bibliográficas será possível encontrar detalhado os dados e eventuais volumes.

No que se refere às citações bíblicas e às abreviações dos livros bíblicos, foi escolhido o padrão definido na Bíblia de Jerusalém. Quanto às ilustrações estarão numeradas em sequência e com o tema a que se referem; quando pesquisadas em livros, seguirá o sobrenome do autor em maiúsculas, o ano e a página, para mais detalhes buscar nas Referências Bibliográficas; quando a ilustração fizer parte de um acervo particular, será citado o tema, o nome do autor e o ano em que foi tirada; em caso de pesquisa da internet, o site visitado será citado na nota de rodapé com mais detalhes nas Referências Bibliográficas.

Justificativa e atualidade

As *placas*, como será percebido no decorrer da pesquisa, é capaz de trazer a memória, de forma simbólica, todo o Pentateuco. Este, por sua vez, com suas narrativas, seus poemas líricos e, especialmente, suas tradições jurídicas, pode ser compreendido como constituição do antigo Israel¹⁴. Também é possível descrever o Pentateuco como ensino fundamental da religião do Antigo Israel, e que ganha uma importância ímpar no

¹⁴ Jean-Louis SKA, **O Antigo Testamento**: Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele, p. 31-65.

que se refere ao cânon de livros que judeus e cristãos leem como Sagradas Escrituras, procurando nelas pela palavra de Deus.

Em todo caso, por meio das religiões do judaísmo e cristianismo, o Pentateuco se tornou um patrimônio cultural da humanidade. Os modelos de fé e comportamento por tais textos favorecidos ainda podem enriquecer qualquer sociedade na busca de convivências mais justas, igualitárias e respeitadas, capazes de garantirem a sobrevivência digna de todos em liberdade. Embora o decálogo tenha sido destinado aos cidadãos israelitas, os libertados do Egito, estes adquiriram uma liberdade concedida por Javé, tratando-se o decálogo de exigências que são elementares e devendo, portanto, serem observadas para que a liberdade seja preservada¹⁵.

As *placas*, como objeto simbólico e representativo do que os textos pertencentes ao Pentateuco se propõem a transmitir, assumem uma importância semelhante aos originais ou primeiras edições de outras constituições ou direitos importantes. Sejam lembrados, de modo exemplar, *The Bill of Rights*¹⁶, a primeira impressão dos Direitos Humanos.

Mencionando-as trinta e três vezes, o próprio Pentateuco se esforça a estabelecer as *placas* como um objeto que deve ganhar determinada visibilidade e representatividade. Nesse sentido, a pesquisa se propõe a esclarecer o que os títulos dos dois capítulos prometem, visando-se, no que se refere às placas, à materialidade, aos lugares à que pertenciam, à autoria e escrita, e ao conteúdo inscrito nelas.

Enfim, vista a importância de se ter um ensino fundamental, uma constituição, um direito e uma cultura, capazes de nortearem e definirem as convivências, é notória a urgência de existirem diálogos que conseguem acolher àquilo que, até hoje, é visto como algo que pode enriquecer qualquer debate sobre a humanização das convivências. Nesse sentido, o estudo literário e histórico-teológico das *placas*, mencionadas tantas vezes no Pentateuco, quer colaborar com o esforço cultural a ser realizado pela sociedade.

¹⁵ Frank CRÜSEMANN, **Preservação da Liberdade**, p. 69.

¹⁶ Disponível em:

<www.parliament.uk/about/living-heritage/evolutionofparliament/parliamentaryauthority/revolution/colletions1/collections-glorious-revolution/billofrights/>;

<www.legislation.gov.uk/aep/WillandMarSess2/1/2/introduction>;

<www.britannica.com/topic/Bill-of-Rights-British-history>;

<www.bl.uk/colletion-items/the-bill-of-rights>.

1. A materialidade das placas

A pesquisa se dedica a um objeto que, de forma marcante e significativa, acompanha o ouvinte-leitor da Bíblia Hebraica. Adota-se a tradução *placa* ou *placas* para o substantivo hebraico לִּפְתָּח ou לִּפְתָּחִים . Contudo, os diversos Dicionários de Hebraico-Português ou Hebraico-Inglês propõem ainda outras traduções: *tábua*, *tabuinha*, *lápide*, *tabuleta*, *prancha*, *lousa*, *chapa*, *lâmina de pedra*, *laje*, *laje* e *lanci*¹⁷. A tradução será justificada nos itens 1.1 e 1.2.

A palavra então traduzida como *placa*, em hebraico, é um substantivo masculino. Nos escritos da Bíblia Hebraica, ele aparece nos três números: singular (לִּפְתָּח), dual e plural, sendo que, a forma dos últimos dois números é a mesma (לִּפְתָּחִים). No hebraico o uso do singular é para referir-se para os contáveis, com a função de enumerar um objeto; coletivos designando um grupo, e para classe de nomes em geral indicando uma classe particular ou um grupo¹⁸. Nesse caso de substantivo monossilábico não ocorre mudança no radical plural¹⁹, porém “[...] alguns substantivos masculinos têm plurais que terminam em וֵי (*holem-vav* seguido de *tav*), que é a terminação característica do plural feminino”²⁰. Na terminação da palavra no singular é inserido antes do *He* (ה), por se encontrar no final da palavra e procedido de uma vogal longa, o *patah furtivo*, inserido entre uma gutural forte e, a vogal que a precede, porém, não tem o valor de uma vogal cheia²¹.

Após esse olhar para a carga semântica e a morfologia, segue uma lista com todas as citações que trabalham com o substantivo em questão na Bíblia Hebraica.

¹⁷ Luis ALONSO Schökel, **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**, p.340; Nelson KIRST et al., **Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português**, p. 109; Walter C. KAISER, *Tábua, Prancha, Lousa*. In: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, p.777; William L. HOLLADAY, **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**, p. 246; G. Johannes BOTTERWECK Helmer Ringgren, Heinz-Iosef FABRY; A.BAUMANN, *Placas*. In: **Theological Dictionary of the Old Testament**, p.480, David J.A. CLINES, **The Concise Dictionary of Classical Hebrew**, p. 192.

¹⁸ Bruce K. WALTKE, Michael O’CONNOR, **Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico**, p. 111-118.

¹⁹ Thomas Oden LAMBDIN, **Gramática do Hebraico Bíblico**, p. 59.

²⁰ *Ibid.* p. 65.

²¹ Page H. KELLEY, **Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória**, p. 436.

Citação	Texto em Hebraico	Tradução
Ex 24,12	וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־מֹשֶׁה עֲלֵה אֵלַי הַהָרָה וְהִיִּהְיֶה־שָׁם וְאִתְּנָה לְךָ אֶת־לְחֹת הָאֲבָן וְהַתּוֹרָה וְהַמִּצְוָה אֲשֶׁר כָּתַבְתִּי לְהוֹרֹתָם	E o Senhor disse a Moisés: “Sobe a mim, ao monte, e permanece ali! Vou te dar as placas de pedra, tanto a instrução como o mandamento, que escrevi para o instruíres”.
Ex 27,8	נְבוֹב לְחֹת תַּעֲשֶׂה אֹתוֹ כַּאֲשֶׁר הָרָאָה אֶתְךָ בְּהָר כֵּן יַעֲשֶׂוּ	Oco e de placas o farás, conforme foi mostrado a ti na montanha, assim o farás.
Ex 31,18 ^{2x}	וַיִּתֵּן אֶל־מֹשֶׁה כְּכֹל־אֲדָבָר אֲתוֹ בְּהָר סִינַי שְׁנֵי לְחֹת הָעֵדוּת לְחֹת אֲבָן כְּתָבִים בְּאֶצְבַּע אֱלֹהִים	Quando Ele terminou de falar, deu a Moisés, no monte Sinai, as duas placas do testemunho, placas de pedra, escritas pelo dedo de Deus.
Ex 32,15 ^{2x}	וַיָּפֹן וַיֵּרֵד מֹשֶׁה מִן־הָהָר וּשְׁנֵי לְחֹת הָעֵדוּת בְּיָדוֹ לְחֹת כְּתָבִים מִשְׁנֵי עֲבְרֵיהֶם מִזֶּה וּמִזֶּה הֵם כְּתָבִים	E voltou, e desceu Moisés do monte, com as duas placas do testemunho na mão, placas que foram escritas dos dois lados.
Ex 32,16 ^{2x}	וְהַלְּחֹת מַעֲשֵׂה אֱלֹהִים הֵמָּה וְהַמְּכֻתָּב מְכֻתָּב אֱלֹהִים הִוא חֲרוּת עַל־הַלְּחֹת	E as placas: elas eram obra de Deus. E a escrita: ela era escrita de Deus, esculpida sobre as placas.
Ex 32,19	וַיְהִי כַּאֲשֶׁר קָרַב אֶל־הַמַּחֲנֶה וַיִּרְא אֶת־הָעֵגֹל וּמַחֲלֹת וַיַּחֲרֵ־אֵף מֹשֶׁה וַיִּשְׁלַח (מִיָּדוֹ) [מִיָּדָיו] אֶת־הַלְּחֹת וַיִּשְׁבֵּר אֹתָם תַּחַת הָהָר:	E aconteceu que, quando se aproximou do acampamento, e viu o bezerro e danças, se acendeu a fúria de Moisés, e lançou das mãos dele as placas e as despedaçou ao pé do monte.
Ex 34,1 ^{3x}	וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל־מֹשֶׁה פֶּסֶל־לְךָ שְׁנֵי־לְחֹת אֲבָנִים כְּרִאשֹׁנִים וְכָתַבְתִּי עַל־הַלְּחֹת אֶת־הַדְּבָרִים אֲשֶׁר הָיוּ עַל־הַלְּחֹת הָרִאשֹׁנִים אֲשֶׁר שִׁבַּרְתָּ	E disse o Senhor a Moisés: “Lavra para ti duas placas de pedras como as primeiras, e eu escreverei sobre as placas, as palavras que estavam sobre as primeiras placas que despedaçou”.
Ex 34,4 ^{2x}	וַיִּפְסֵל שְׁנֵי־לְחֹת אֲבָנִים כְּרִאשֹׁנִים וַיִּשְׁכֵּם מֹשֶׁה בַּבֹּקֶר וַיַּעַל אֶל־הָר סִינַי כַּאֲשֶׁר צִוָּה יְהוָה אֹתוֹ וַיִּקַּח בְּיָדוֹ שְׁנֵי לְחֹת אֲבָנִים:	E lavrou duas placas de pedras como as primeiras, e madrugou Moisés pela manhã, subiu ao monte Sinai conforme lhe ordenou o Senhor, e pegou na sua mão as duas placas de pedras.
Ex 34,28	וַיְהִי־שָׁם עִם־יְהוָה אַרְבָּעִים יוֹם וְאַרְבָּעִים לַיְלָה לֹחֵם לֹא אָכַל וּמַיִם לֹא שָׁתָה וַיִּכְתֹּב עַל־הַלְּחֹת אֶת דְּבָרֵי	E esteve ali com o Senhor, quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão e não bebeu água. E escreveu

	הַבְּרִית עֲשֶׂת הַדְּבָרִים:	sobre as placas, as palavras da aliança, as dez palavras.
Ex 34,29	וַיְהִי בְּרִדְתוֹ מִשָּׁה מֵהַר סִינַי וְשָׁנִי לַחַת הָעֵדֻת בְּיַד־ מֹשֶׁה בְּרִדְתוֹ מִן־הַהָר וּמֹשֶׁה לֹא־יָדַע כִּי קָרַן עוֹר פָּנָיו בְּדַבְּרוֹ אֹתוֹ	E aconteceu que, ao descer Moisés do monte Sinai, com as duas placas do testemunho na sua mão, Moisés não sabia que resplandecia a pele das faces dele ao falar com Ele.
Ex 38,7	וַיָּבֵא אֶת־הַבָּדִים בְּטַבַּעַת עַל צְלַעַת הַמִּזְבֵּחַ לְשֵׂאת אֹתוֹ בָּהֶם נְבוּב לַחַת עֲשֶׂה אֹתוֹ: ס	E colocou as varas nas argolas sobre as laterais do altar, para erguer com elas, oco e de tábuas o fez.
Dt 4,13	וַיַּגֵּד לָכֶם אֶת־בְּרִיתוֹ אֲשֶׁר צִוָּה אֶתְכֶם לַעֲשׂוֹת עֲשֶׂת הַדְּבָרִים וַיְכַתְּבֶם עַל־שְׁנֵי לַחֹת אֲבָנִים:	E vos revelou a aliança dele, a qual vos ordenou a cumprir: as dez palavras. E as escreveu sobre as duas placas de pedra.
Dt 5,22	אֶת־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה דִּבֶּר יְהוָה אֶל־כָּל־קְהֵלְכֶם בְּהָר מִתּוֹךְ הָאֵשׁ הַעֲנָן וְהַעֲרַפֵּל קוֹל גְּדוֹל וְלֹא יָסוּף וַיְכַתְּבֶם עַל־שְׁנֵי לַחֹת אֲבָנִים וַיִּתְּנֶם אֵלַי:	E o Senhor falou estas palavras a toda a vossa assembleia na montanha, em meio ao fogo, a nuvem e à escuridão. Houve uma voz alta. Nada acrescentou. Escreveu-as sobre duas placas de pedra e as deu a mim”.
Dt 9,9 ^{2x}	בְּעֹלְתִי הַהָרָה לְקַחַת לֹחַת הָאֲבָנִים לֹחַת הַבְּרִית אֲשֶׁר־כָּרַת יְהוָה עִמָּכֶם וְאַשְׁבַּ בְּהָר אַרְבָּעִים יוֹם וְאַרְבָּעִים לַיְלָה לֶחֶם לֹא אָכַלְתִּי וּמִים לֹא שָׁתִיתִי:	Quando eu subi a montanha, para receber as placas de pedra, as placas da aliança, a qual o Senhor firmou convosco, permaneci na montanha quarenta dias e quarenta noites: não comi pão e nem bebi água.
Dt 9,10	וַיִּתֵּן יְהוָה אֵלַי אֶת־שְׁנֵי לֹחַת הָאֲבָנִים כְּתוּבִים בְּאֶצְבַּע אֱלֹהִים וְעָלִיהֶם כָּל־הַדְּבָרִים אֲשֶׁר דִּבֶּר יְהוָה עִמָּכֶם בְּהָר מִתּוֹךְ הָאֵשׁ בְּיוֹם הַקָּהָל:	E o Senhor me deu as duas placas de pedras, escritas com o dedo de Deus. Sobre elas tudo estava de acordo com as palavras que o Senhor falou a vós na montanha, em meio ao fogo, no dia da assembleia.
Dt 9,11 ^{2x}	וַיְהִי מִקֵּץ אַרְבָּעִים יוֹם וְאַרְבָּעִים לַיְלָה נָתַן יְהוָה אֵלַי אֶת־שְׁנֵי לַחֹת הָאֲבָנִים לַחֹת הַבְּרִית:	E aconteceu que no final de quarenta dias e quarenta noites, o Senhor deu a mim as duas placas de pedra, as placas da aliança.
Dt 9,15	וָאָפַן וָאֵרַד מִן־הָהָר וְהָהָר בָּעַר בָּאֵשׁ וְשְׁנֵי לַחֹת הַבְּרִית עַל שְׁתֵּי יָדָי:	Voltei-me e desci da montanha e a montanha ardia em fogo, e as duas placas da aliança estavam sobre as minhas duas mãos.

Dt 9,17	וְאַתָּפֶשׂ בְּשֵׁנֵי הַלְחָת וְאַשְׁלַכְכֶם מֵעַל שְׁתֵּי יָדַי וְאַשְׁבְּרֶם לְעֵינֵיכֶם:	Agarrei as duas placas, lancei-as com minhas duas mãos, e as despedaçaí aos vossos olhos.
Dt 10,1	בַּעַת הַהוּא אָמַר יְהוָה אֵלַי פְּסֹל־לִךְ שְׁנֵי־לוחֹת אֲבָנִים כְּרֵאשִׁימִים וְעֹלָה אֵלַי הַהָרָה וְעָשִׂיתָ לִּי אֲרוֹן עֹץ:	Naquele tempo, disse o Senhor a mim: lavra duas placas de pedra como as primeiras, e sobe até mim na montanha, e farás para ti uma arca de madeira.
Dt 10,2 ^{2x}	וְאַכְתֹּב עַל־הַלְחָת אֶת־הַדְּבָרִים אֲשֶׁר הָיוּ עַל־הַלְחָת הַרְאשִׁימִים אֲשֶׁר שִׁבַּרְתָּ וְשָׂמְתָם בְּאֲרוֹן	E escreverei sobre as placas, as palavras que estavam sobre as primeiras placas, as quais despedaçaste, e as colocarás na arca.
Dt 10,3 ^{2x}	וְאַעֲשֶׂה אֲרוֹן עֵצִי שֵׁטִים וְאַפְסֹל שְׁנֵי־לוחֹת אֲבָנִים כְּרֵאשִׁימִים וְאַעַל הַהָרָה וְשֵׁנֵי הַלְחָת בְּיָדֵי	E fiz uma arca de madeira de acácia e lavrei duas placas de pedra como as primeiras, e subi à montanha com as duas placas em minhas mãos.
Dt 10,4	וַיִּכְתֹּב עַל־הַלְחָת כַּמְּכָתֵב הַרְאשִׁימִים אֶת עֲשֻׁרֹת הַדְּבָרִים אֲשֶׁר דִּבֶּר יְהוָה אֵלֵיכֶם בְּהָר מִתּוֹךְ הָאֵשׁ בַּיּוֹם הַקֶּהֱל וַיִּתְּנֶם יְהוָה אֵלַי	E escreveu sobre as placas, de acordo com a primeira escrita, as dez palavras que o Senhor vos falara na montanha em meio ao fogo no dia da assembleia. E as entregou o Senhor a mim.
Dt 10,5	וְאַפְּנִי וְאַרְדֵּי מִן־הָהָר וְאַשֵׁם אֶת־הַלְחָת בְּאֲרוֹן אֲשֶׁר עָשִׂיתִי וַיְהִי שֵׁם כַּאֲשֶׁר צִוִּינִי יְהוָה	E desci da montanha e coloquei as placas na arca que fiz e permanecem ali, conforme o Senhor me ordenou.
1Rs 7,36	וַיִּפְתַּח עַל־הַלְחָת יְדֹתֶיהָ וְעַל (וּמִסְגְּרֹתֶיהָ) [מִסְגְּרֹתֶיהָ] כְּרוּבִים אֲרִיֹת וְתַמְרֹת כַּמְעֵר־אִישׁ וְלִיּוֹת סָבִיב:	E sobre as placas e molduras, mandou gravar querubins, leões e palmas.
1Rs 8,9	אֵין בְּאֲרוֹן רֶק שְׁנֵי לוחֹת הָאֲבָנִים אֲשֶׁר הִנַּח שָׁם מֹשֶׁה בְּחָרֵב אֲשֶׁר כָּרַת יְהוָה עִם־בְּנֵי יִשְׂרָאֵל בְּצֵאתָם מֵאֲרָץ מִצְרָיִם:	Nada havia na arca, somente duas placas de pedra, que Moisés havia colocado no Horeb, quando o Senhor concluiu a aliança com os filhos de Israel, ao saírem da terra do Egito.
2Cr 5,10	אֵין בְּאֲרוֹן רֶק שְׁנֵי הַלְחָת אֲשֶׁר־נָתַן מֹשֶׁה בְּחָרֵב אֲשֶׁר כָּרַת יְהוָה עִם־בְּנֵי יִשְׂרָאֵל בְּצֵאתָם מִמִּצְרָיִם	Nada havia na arca, somente as duas placas, que Moisés havia colocado no Horeb, quando o Senhor concluiu a aliança com os filhos de Israel, ao saírem do Egito.

Pr 3,3	חֶסֶד וְאֱמֶת אֲלֵי־עֹזְבֵךְ קִשְׂרָם עַל־גְּרוֹתֶיךָ כְּתָבָם עַל־לוּחַ לִבְךָ:	Que a bondade e a fidelidade não te abandonem, ata-as ao pescoço e escreve na tábua do coração.
Pr 7,3	קִשְׂרָם עַל־אֶצְבָּעֶיךָ כְּתָבָם עַל־לוּחַ לִבְךָ	Ata-os aos dedos, escreve-os na tábua do coração.
Ct 8,9	אִם־חֹמֶה הִיא נִבְנְהָ עָלֶיהָ טִירַת כֶּסֶף וְאִם־דֶּלֶת הִיא נִצּוֹר עָלֶיהָ לֹחַ אֲרֹז:	Se ela for uma muralha, edificaremos ameia de prata, e se ela for uma porta, cercaremos com tábuas de cedro.
Is 30,8	עַתָּה בּוֹא כְּתֹבָה עַל־לוּחַ אֲתָם וְעַל־סֵפֶר חֻקָּה וְתִהְיֶה לְיוֹם אֲחֵרוֹן לְעַד עַד־עוֹלָם:	Agora vai, escreve sobre uma placa e grava sobre um rolo que se conserve para dias futuros, para todo o sempre.
Jr 17,1	חַטָּאת יְהוּדָה כְּתוּבָה בְּעֵט בְּרִזְלַי בְּצַפְרֵן שְׁמִיר חֲרוּשָׁה עַל־לוּחַ לִבָּם וּלְקַרְנֹת מִזְבְּחֹתֵיכֶם:	O pecado de Judá está escrito com um estilete de ferro, com ponta de diamante sobre a tábua do coração deles, e nos chifres dos seus altares.
Ez 27,5	בְּרוֹשִׁים מִשְׁנִיר בְּנֹו לָךְ אֵת כָּל־לַחְתֵּי־אֲרֹז מִלְּבָנוֹן לְקַחוּ לַעֲשׂוֹת תֵּרֶן עָלֶיךָ:	De zimbros do Sanir fabricaram para ti todas as duas tábuas de cedro do Líbano, para construir um mastro ²² .
Hab 2,2	וַיַּעֲנֵנִי יְהוָה וַיֹּאמֶר כְּתוּב חֲזוֹן וּבְאֵר עַל־הַלְּחֹת לְמַעַן יְרוּץ קוֹרָא בוֹ:	Então o Senhor respondeu-me dizendo: Escreve a visão, grava-a claramente sobre as placas para que se possa ler facilmente.

No Ex o substantivo aparece dezessete vezes: dez vezes aparece como *placas* (לַחַת), três vezes como *placas do testemunho* (לַחַת הָעֵדוּת) e quatro vezes como *placas de pedra* (לַחַת אֲבָנִים). No Dt o substantivo aparece dezesseis vezes: sendo sete vezes como *placas de pedra* (לַחַת אֲבָנִים), três vezes como *placas da Aliança* (לוּחַת הַבְּרִית) e seis vezes como *placas* (לַחַת).

²² A opção para tradução: duas tábuas de cedro ocorre em função do termo לוֹחַ ser um nome comum masculino no dual. Para mais informações sobre o uso do número no hebraico ler Bruce K. WALTKE e Michael O'CONNOR, *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*, p. 117, item 7.3.

Em 1Rs aparece duas vezes: um vez como *placas* (לְחֹת) e outra como *placas de pedra* (לְחֹת הַאֲבָנִים), em 2Cr aparece: uma vez *placas* (לְחֹת), em Pr aparece duas vezes *tábuas do coração* (עַל־לִוּיִם לְבָבָהּ), em Jr aparece: uma vez *tábuas do coração* (עַל־לִוּיִם לְבָבָהּ), em Ct aparece uma vez com sentido de *tábua* sendo provavelmente de madeira (לִיִּם אֲרָזִים), e tanto em Is (לִיִּם), como em Hab (לְחֹת) aparece apenas uma vez no sentido de ser gravada palavras para posteriormente serem lembradas, e em Ez (לְחֹתִים) aparece uma vez como referência de cedros do Líbano. Totalizando quarenta e três presenças.

Nos trechos que mencionam as *placas* ou *tábuas*, percebe-se que, em diversos momentos, ocorrem alusões à sua materialidade, a seguir as palavras hebraicas que oferecem noções e/ou detalhes referentes à materialidade.

Em vista das *placas* receberem a inscrição dos mandamentos de Deus, duas raízes verbais mais específicas *esculpir* (חָרַת) e *lavar* (פָּסַל) são usadas para descrever o processo de fabricação de tais *placas*. Outras raízes verbais *lançar* (שָׁלַךְ) e *destroçar* (שָׁבַר) indicam o que, materialmente, pode acontecer com tal objeto. Além disso, um numeral *dois* (שְׁנַיִם) e um adjetivo *primeiro/a* (רִאשׁוֹן) insistem na dualidade dessas *placas* e na possibilidade de, após a destruição das primeiras, serem feitas outras, ou seja, um segundo par de *placas*. Existe ainda um substantivo *lado* (צִדָּה) que, no plural, faz alusão aos dois lados das *placas*.

Na Bíblia Hebraica não somente se fala daquelas *placas* que receberam a escrita com os mandamentos de Deus, o substantivo לִוּיִם indica ainda outras *placas* ou *tábuas*, feitas de pedra ou madeira (cf. Ex 38,7; 1Rs 7,36; Ct 8,9; Is 30,8; Ez 27,5; Hab 2,2). Fala-se também, de forma figurada, de *placas* ou *tábuas de coração* (cf. Jr 17,1; Pr 3,3; 7,3).

1.1. Placas de pedra

Ao rever as quarenta e três menções de **לִּיָּל** *placa* ou *tábua*, observa-se que, em diversos momentos, são mencionados os materiais de *pedra* (**אֶבֶן**) e *madeira*, pensando-se na madeira específica do *cedro* (**אֲרָז**). Exatamente em treze casos (cf. Ex 24,12; Ex 31,18; Ex 34,1.4^{2x}; Dt 4,13; 5,22; Dt 9,9.10; 10,1; Dt 9,11; 10,3; 1Rs 8,9), o substantivo **לִּיָּל** é compreendido como *placa*, sendo que recebe a palavra *pedra* como sua acompanhante, exercendo a função de adjunto adnominal restritivo. Assim, os textos bíblicos insistem, de forma expressa, em tal materialidade específica desse objeto.

A apresentação dessa materialidade, não ocorre de maneira uniforme, mas com algumas variações. Ao observar a presença ou ausência do artigo definido, os três números do singular, dual ou plural e as escritas plena e curta, se têm as seguintes variações²³:

- “as placas de pedra” (**לְחֹת אֶבֶן**) em Ex 24,12;
- “placas de pedra” (**לְחֹת אֶבֶן**) em Ex 31,18;
- “placas de pedras” (**לְחֹת אֲבָנִים**) em Ex 34,1.4^{2x}; Dt 4,13; 5,22;
- “as placas de pedras” com *mater lectionis* (**לְחֹת אֲבָנִים**) em Dt 9,9.10; 10,1;
- “as placas de pedras” sem *mater lectionis* (**לְחֹת אֲבָנִים**) em Dt 9,11; 10,3;
- “as placas de pedras” com *mater lectionis* em outro lugar (**לְחֹת אֲבָנִים**) em 1Rs 8,9.

São mencionadas também tábuas de *madeira*. Em Ct 8,9, a amada é comparada a uma porta, sobre a qual os irmãos dela querem fixar uma *tábua de cedro* (**לִיָּל אֲרָז**), aparentemente para lhe acrescentar um valor maior, no sentido de tal porta ser mais resistente. Em Ez 27,5 o profeta semelhantemente, menciona “tábuas de cedro do Líbano” (**לְחֹתֵי אֲרָז מִלְּבָנוֹן**).

Indiretamente, ainda é possível imaginar que o altar de holocaustos no santuário do deserto era de *tábuas de madeira* (cf. Ex 27,1-8; 38,1-7). Mais exatamente, os textos bíblicos falam sobre “toras de madeira de acácias” (Ex 27,1; 38,1: **עֲצֵי אַשְׁמֹנִים**), que

²³ Matthias GRENZER; Fabíola WEBER, **Placas de pedra** (Ex 24,12), p. 278.

foram “revestidas de bronze” (Ex 27,2; 38,2: תִּשְׁחָצְוּ אֶת־הָאֹתָן בְּרֹזֶה). Parece que, por causa do revestimento com o metal, o altar de holocaustos, ao entrar em uso, não pega fogo. Em todo caso, observa-se nesses dois textos a ideia de existirem *tábuas* (cf. Ex 27,8; 38,7) feitas de “toras de acácias” (Ex 27,1; 38,1).

A terminologia utilizada quando se pode ter a noção de que prevaleça a materialidade da *pedra*, o termo hebraico לִבֵּית é traduzido como *placa*. Quando, por sua vez, se imagina a materialidade da *madeira*, seja essa *madeira* do cedro ou da acácia, o termo hebraico לִבֵּית é traduzido como *tábua*²⁴.

Antes de investigar a palavra *pedra* nos textos da Bíblia Hebraica, segue informações de algumas *placas de pedra* pertencentes ao contexto histórico-cultural do antigo Israel e ao contexto mais amplo do antigo Oriente Próximo, sendo que nelas se leem inscrições. Mais ainda, nas seguintes *placas de pedra*, as inscrições se encontram num só lado.

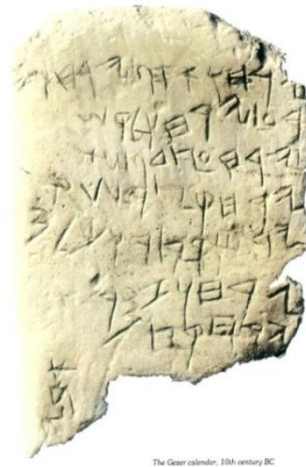
Considerado comumente o texto hebraico mais antigo, o *Calendário de Gezer* se encontra como inscrição numa *pedra*. Foi descoberto por Macalister em *Tell Jezer*, no início do século XX. A inscrição se encontra em uma pedra calcária macia e contém sete linhas escritas em paleo-hebraico, refletindo a centralidade da agricultura na vida dos israelitas²⁵.

A pedra mede cerca de onze centímetros de altura e sete centímetros de largura, contendo uma polegada de espessura. Atualmente encontra-se no museu Arqueológico de Istambul na Turquia.

²⁴ Seja mencionado também que o substantivo aqui traduzido como “placa” ou “tábua” também é utilizado de forma figurativa. Em Jr 17,1; Pr 3,3; 7,3, fala-se, pois, de “tábuas do coração” (לִבֵּית לֶבָב). Em Is 30,8, por sua vez, não é possível saber se o profeta menciona uma “placa” de pedra ou uma “tábua” de madeira (עֲתִיקָה בֹּרָא כְּתִבָּה עַל־לֵבֶיטָה).

²⁵ Disponível em: <https://museums.gov.il/en/items/Pages/ItemCard.aspx?IdItem=ICMS_IMJ_372807>.

Figura 01: *Calendário de Gezer*



Fonte: NAVEH, 2004, p. 22

A *inscrição de Tel Dã* traz a primeira e mais antiga evidência extrabíblica que pode comprovar a existência da dinastia davídica. Ela foi descoberta no ano de 1993. Foi Hazael que, ao começar a reinar em Damasco, mandou confeccionar essa inscrição, e a colocou na localidade de Dã. Quando a cidade voltou ao domínio de Israel, a inscrição foi destruída, sendo que os pedaços dela foram utilizados numa construção realizada no pátio. O seguinte fragmento foi encontrado como parte daquele muro, sendo que o texto traz a inscrição em aramaico e celebra a vitória de um dos reis arameus²⁶. Atualmente encontra-se no Museu de Israel, em Jerusalém.

Figura 02: *Inscrição de Tel Dã*



Fonte: FISHER, 2013, p. 207

²⁶Amihai MAZAR, *Arqueologia na terra bíblica*, p. 206.

Outro texto hebraico em uma pedra está na *inscrição de Siloé*. Ela foi encontrada em 1880, na rocha do canal que leva água da fonte de Gion ao tanque de Siloé. A inscrição, com letras do paleo-hebraico, traz registrado o momento surpreendente em que dois grupos de trabalhadores, uma equipe que começou a cavar do norte e outra que começou a cavar do sul, se encontraram no canal subterrâneo que o rei Ezequias (725-697 a.C.) mandara construir. O texto tem vinte e três centímetros de altura e sessenta e seis centímetros de largura. Trata-se de uma *placa de pedra*, que hoje se encontra no Museu das Antiguidades Orientais em Istambul²⁷.

Figura 03: *Inscrição de Siloé*

The Siloam tunnel inscription



Fonte: NAVEH, 2004, p. 24

Em 1968 foi encontrada a *Estela do rei Mesa*, de Moabe. A inscrição celebra a vitória de Mesa sobre Israel, após um domínio de quarenta anos dos israelitas. Além disso, o documento traz informações sobre os projetos de construção de cidades do rei moabita. São trinta e quatro linhas escritas em fenício ou hebraico antigo, sendo que vinte e sete linhas se encontram preservadas na íntegra. A parte final do texto, por sua vez, não aparece na estela.

Com as reconstruções do texto, o documento trouxe informações relevantes para a identificação da dinastia davídica, colaborando também para a reconstrução da história de Israel no século IX a.C. A estela possui um metro de altura e sessenta centímetros de largura. Ela foi feita de basalto, rocha de coloração escura, de origem vulcânica. Sua

²⁷ Alexander Achilles FISCHER. *O texto do Antigo Testamento*, p. 210-211; Amihai MAZAR. *Arqueologia na terra bíblica*, p. 459.

parte superior é arredondada e as bordas são esculpidas em seus cantos²⁸. O original da estela de Mesa se encontra no Museu do Louvre, em Paris²⁹.

Figura 04: *Estela de Mesa*



Fonte: NAVEH, 2004, p. 23

Enfim, as quatro inscrições em *placas de pedra* apresentadas já dão uma primeira impressão sobre a materialidade do objeto aqui em questão. Existiam, pois, *placas de pedra* no antigo Israel e nas culturas dos povos vizinhos. Vários desses documentos se encontram ligados a manifestações de poder e reestruturações políticas. Contudo, inscrições em *placas de pedra* também podiam se tornar importantes para a organização da vida no dia-a-dia, como revela o *Calendário de Gezer*. Neste momento, por sua vez, é importante compreender o aspecto material de tais *placas*, sendo que elas, num só lado, receberam uma inscrição.

Tendo contemplado os artefatos, a atenção novamente poderá voltar-se às *placas* bíblicas, por treze vezes tais placas são apresentadas como “*placas de pedra*” (Ex 24,12; Ex 31,18; Ex 34,1.4^{2x}; Dt 4,13; 5,22; Dt 9,9.10; 10,1; Dt 9,11; 10,3; 1Rs 8,9). Por causa disso, é preciso ter noções mais claras sobre a representatividade do material

²⁸ Vinicius GALLEAZZO. *A estela de mesa uma introdução à arqueologia e à literatura de Moab*, p. 108.

²⁹ Alexander Achilles FISCHER. *O texto do Antigo Testamento*, p. 208-209.

repetidamente mencionado, ou seja, sobre as conotações simbólico-teológicas desse material. O que a *pedra* traz de significado consigo?

No primeiro momento, a *pedra*, em muitos sentidos, ganha presença na vida cotidiana de Israel. Ora serve para “cobrir um poço” (Gn 29,2.3^{2x}.8.10), ora se torna um travesseiro (cf. Gn 28,11) ou um simples apoio para os braços (cf. Ex 17,12). *Pedras* também são usadas como “peso” para a balança (Lv 19,36; Dt 25,13^{2x}), sendo que o uso correto delas indica a “integridade” e a “justiça” da pessoa (Dt 25,13^{2x}15). No processo de pesagem, *pedras* de tamanhos diferentes ganham importância por meio do uso correto delas. Nesse mesmo sentido, o peso do objeto também ganha relevância na imagem que apresenta os egípcios como quem “desceu às profundezas” da água do mar dos Juncos “como uma pedra” (Ex 15,5).

Num segundo momento, é destacada a importância da *pedra* em vista das mais diversas construções. Assim, o valor da *pedra* como matéria-prima e instrumento útil ao homem aparece em diversos sentidos nas tradições do Pentateuco. A *pedra* serve para construir paredes e, com isso, casas (cf. Lv 14,40.42^{2x}.43.45). A resistência e a durabilidade da *pedra* natural impressionam, sendo que o *tijolo* (לִבְנֵי) feito pelo homem, ver os construtores da *torre de Babel* (cf. Gn 11,3) e das cidades-armazéns de *Pitom* e *Ramsés* (cf. Ex 1,14; 5,7-8.14.16.18-19) não tem como competir com a *pedra* (לִיֵּט) feita por Deus. A conotação simbólica dos tijolos remete ao barro argiloso, material com que os filhos de Israel construíram *Pitom* e *Ramsés*, transmitindo-se, com isso, a ideia de transitório, de algo que é obra humana, condenada, muitas vezes, ao fracasso e desmoronamento. A *pedra*, no entanto, remete à criação divina e, com isso, transmite a ideia de algo duradouro, e não transitório³⁰.

No terceiro momento, são mencionadas as *pedras* ligadas à celebração religiosa. Nesse sentido, o patriarca Jacó já “erige uma pedra” em forma de “coluna” (Gn 28,18.22; 31,45; 35,14), “derramando azeite sobre ela” (Gn 28,18; 35,14), com a possibilidade de tornar-se “casa de Deus” (Gn 28,22), “testemunho” e “aliança” (Gn 31,44). Aliás, o “valente de Jacó” é pensado como “pedra de Israel” (Gn 49,24). Mais tarde os israelitas irão construir “altares de pedras brutas”, ou “não lavradas”, para o Senhor, Deus de Israel (Ex 20,25; Dt 27,2-6). Em 1Rs 7,36, por sua vez, *pedras* são

³⁰ Matthias GRENZER, *O fracasso da política de opressão violenta* (Êxodo 1,8-14), p. 158.

utilizadas para esculpir “querubins”, “leões” e “palmas”, sendo que a materialidade propõe a referência às placas de pedra encontradas na arca (1Rs 8,9).

No quarto momento, são mencionadas as *pedras* tidas como preciosas, muitas vezes também ligadas ao âmbito especificamente religioso e cultural. Assim, existiram duas “pedras de ônix” sobre as “ombreiras” e doze “pedras engastadas” no “peitoral” do sumo sacerdote Aarão e de seus filhos, quando eles, no santuário da Tenda de Encontro, exerciam o sacerdócio para o Senhor (Ex 25,7^{2x}; 28,9.10^{2x}.11^{2x}.12^{2x}.17^{2x}.21; 35,9^{2x}.27^{2x}.33; 39,6.7.10.14). Mais ainda, em tais pedras preciosas se encontravam gravados ou inscritos os nomes dos doze filhos de Israel, sendo que assim se tratava de “pedras de memória” (Ex 28,12; 39,7). Ou seja, o sacerdote, por meio de tais *pedras*, trazia o povo perante o Senhor, cultivando-se a memória da relação entre Deus e os filhos de Israel. Em momento algum, por sua vez, Israel devia transformar uma pedra em pedra figurada ou esculpida, no sentido de fabricar uma imagem de Deus (cf. Lv 26,1), assim como os demais povos, pois, conheciam “deuses que são de pedra” (Dt 4,28; 28,36.64; 29,16).

Figura 05: *Peitoral do sumo sacerdote*



Fonte: ZWICKEL, 2013, p. 153

No quinto momento, seja descrito por último que *pedras* podem conter outros conteúdos. No caso, é preciso lembrar os metais, sendo que o homem, com sua inteligência, consegue, por meio da tecnologia, extrair prata, ouro e outros metais preciosos da pedra (cf. Jó 28). Também se tira o ferro da pedra (cf. Dt 8,9). Até água parece existir na pedra (cf. Ex 7,19). Além disso, é preciso mencionar que a *pedra* pode

se tornar arma, seja para aplicar a pena do “apedrejamento” (Lv 20,2.27; 24,23; Nm 15,35.36; Dt 13,11; 17,5; 21,21; 22,21.24), seja para “matar” uma pessoa como ato criminoso ou acidente involuntário (Ex 21,18; Nm 35,17.23).

Resumindo, a *pedra* traz consigo diversas conotações simbólico-teológicas: integridade e justiça, resistência e durabilidade. Religiosamente, a *pedra* remete, além disso, à importância de se cultivar a memória. Por isso, não é mero detalhe, ou seja, algo que não tivesse maior importância, quando as tradições bíblicas dizem, por treze vezes, que as *placas* com a inscrição dos mandamentos de Deus eram de *pedra*. Trata-se, portanto, de uma materialidade teologicamente significativa. Ou seja, como a visão de Habacuc, também os mandamentos de Deus precisavam ser “gravados claramente sobre placas, a fim de que pudessem ser lidos facilmente” (Hab 2,2).

1.2. Lavradas e esculpidas

As *placas de pedra* foram *lavradas* conforme Ex 34,1.4 e Dt 10,1.3, para em seguida receberem uma escrita. A raiz verbal לָטַף aparece seis vezes na Bíblia Hebraica: quatro vezes no Pentateuco e uma vez em Hab 2,18, sendo que o profeta se refere a ídolos que são esculpidos; além disso, a raiz verbal se encontra em 1Rs 5,32, onde “pedras são lavradas” para edificar a casa de Salomão³¹. Além da raiz verbal, por trinta e uma vezes, o substantivo comumente traduzido como *ídolo*, *imagem*, *estátua* ou *escultura* (לְטֹפֵף) pode ser presenciado. No caso, é possível pensar numa materialidade formada por pedra, barro, madeira e/ou metal³².

Comumente, o homem é pensado como quem fabrica tais imagens, tornando-se artífice de uma escultura (cf. Jz 17,3.4, 18,30.31, Is 40,19.20; 44,9.10; Jr 10,14, 51,17; Hab 2,18; Dt 27,15) utilizada para adoração (cf. Is 42,17; 44,15.17; 45,20), por mais que haja uma recomendação de não fabricar tais imagens esculpidas (cf. Ex 20,4; Lv 26,1; Dt 4,16.23.25; Dt 5,8). Todavia, essas imagens são avaliadas pelos profetas como ídolos. Elas representam, pois, algo que foi criado pelo homem, sendo isso diferente de algo que foi criado por Deus³³.

³¹ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 1176.

³² William L. HOLLADAY, *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*, p. 418.

³³ R.D.PATTERSON, Ídolo, imagem. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 1049.

No entanto, as *placas* são vistas como obra de Deus, vendo-se “nelas uma escrita esculpida” por Ele (Ex 32,16), sendo este o único caso em que Deus esculpe algo. A raiz verbal hebraica aqui é חָרַט. Ela aparece apenas uma vez na Bíblia Hebraica, sendo traduzida, em geral, como *gravar*, *entalhar* ou *esculpir*³⁴. Aarão utilizou algo *lavrado* ou *esculpido* dessa forma (חָרַטְתָּ), a fim de fabricar o bezerro de ouro (cf. Ex 32,4). Além disso, Isaías, por ordem divina, deve escrever algo em uma tabuinha com um “estilete comum”, ou seja, com um “instrumento útil que o homem comumente usa para esculpir algo” (Is 8,1: חָרַטְתָּ אֲנִי־שׁ)³⁵.

Enfim, as *placas* são pensadas como *placas de pedra* que, após terem sido lavradas, no sentido de terem sido talhadas, receberam uma inscrição, a qual, por Deus, nelas foi esculpida. Tal inscrição faz parte do processo do lavramento. Mais ainda, as *placas* foram lavradas justamente para, logo em seguida, receberem a inscrita esculpida nelas.

1.3. Duas placas

As *placas*, quando mencionadas a sua quantidade, são “duas” (Ex 31,18; 32,15; 34,1; 34,4; 34,29; Dt 4,13; Dt 5,22; Dt 9,10.11.15.17; Dt 10,1.3, 1Rs 8,9; 2Cr 5,10). Com isso, vale lembrar que o número *dois* (שְׁנַיִם), na língua hebraica, é tratado como *dual*, ou seja, um número diferente do singular e do plural. Em geral, este número é empregado quando algo aparece em forma de par, como os diversos membros do corpo humano ou animal, mas também quando se observa a dualidade de algo, como, por exemplo, a existência de dois filhos (cf. Gn 10,25; 41,50; 46,27; 48,1.5), duas testemunhas (cf. Dt 17,6; 19,15), dois animais (cf. Gn 7,9.15; Lv 8,2; Nm 6,10), duas ombreiras (cf. Ex 39,4), etc.

No que se refere ao objeto de estudo, o Senhor, segundo as narrativas bíblicas, entregou a Moisés, no monte Sinai, “duas placas do testemunho” (Ex 31,18; Dt 9,10). Consequentemente, Moisés desce do monte com as “duas placas” (Ex 32,15; Ex 34,29).

³⁴ William L. HOLLADAY, *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*, p. 167; Leonard J. COPPES, *Gravar*. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 542; Nelson KIRST et al., *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, p. 79.

³⁵ Robert L. ALDEN, *Ferramenta de entalhar, pena*. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 531.

Também é narrado que Moisés, “com as duas mãos dele”, “lançou e despedaçou as duas placas” no chão (Ex 32,19; Dt 9,17 apresenta as *placas*, porém, sem mencionar o numeral “dois”). Mais ainda, por ordem do Senhor, outras “duas placas de pedra” (Ex 34,1.4; Dt 10,1.3) foram lavradas, para substituírem as primeiras duas placas quebradas por Moisés.

Também recebe destaque nas narrativas do Pentateuco que as “duas placas de pedra”³⁶ (Ex 31,18; 32,15; Dt 4,13; Dt 5,22) receberam uma escrita, tanto as primeiras duas placas como as segundas, sendo que estas últimas foram colocadas na arca (cf. 1Rs 8,9; 2Cr 5,10).

Embora o nome das *placas* mude, ora são chamadas de “placas da instrução” (Ex 24,12), ora de “placas do testemunho” (Ex 31,18; 32,15; 34,29), ora de “placas da Aliança” (Dt 9,9.15), a insistência na dualidade se mantém. Nunca se fala de uma ou de três placas. Sempre são duas.

Existe até a hipótese de que a dualidade das *placas*, corresponda as duas placas com a menção do Senhor e *Asherá*³⁷, do século VIII a.C. No templo do Senhor escavado em Arad, no sul de Judá, foram encontradas duas estelas fixadas nos santos dos santos, a maior representava um divindade masculina (sendo o *Senhor* ou *Baal*), e a segunda representava uma divindade feminina (talvez *Asherá*). Atualmente o nicho de Arad encontra-se no museu de Jerusalém³⁸.

Figura 06: *Santo dos Santos, Templo de Arad*



Fonte: Élcio V.S.Mendonça, 2016

³⁶ Os documentos internacionais da aliança no Antigo Oriente eram escritos em duas cópias, cada um dos contraentes escrevia o documento na sua língua, o documento era depois conservado no templo do deus principal, no caso das placas da Aliança, eram conservadas na arca da aliança, conforme Gianni BARBIERO. **Dio di misericordia e di grazia: La rivelazione del volto di Dio in Esodo 32-34**, p. 133.

³⁷ Thomas RÖMER. **As origens do nome de Javé**, p. 94.

³⁸ José Ademar KAEFER. **A Bíblia, a Arqueologia e a História de Israel e Judá**, p. 62.

A presença de determinadas dualidades se repete no Pentateuco. Há, por exemplo, a dualidade formada pelo pecado e pelo perdão, a qual se encontra espelhada no bezerro de ouro e nas *placas de pedra*, sendo que, dessa forma, surge a dualidade de um culto auto-ordenado e um culto ordenado por Deus. No caso, as *placas*, transmitindo os mandamentos de Deus, tanto representam a destruição do culto auto-ordenado, uma vez que as *primeiras placas* foram despedaçadas, como também o culto ordenado por Deus, uma vez que as *segundas placas*, depositadas na arca, ganharam presença no santuário e, com isso, no culto ordenado por Deus³⁹.

1.4. Primeiras e segundas placas

O numeral *primeiro* (אֶחָד) funciona como um numeral ordinal⁴⁰. Em geral, é compreendido como *primeiro, precedente, anterior, ancestral* ou *antigo*⁴¹. Com isso, se imagina, facilmente, uma série de acontecimentos. No sentido cronológico, há um antes ou anterior, para, logo em seguida, se pensar num depois ou posterior.

Conseqüentemente, o numeral ordinal *segundo* (שֵׁנַיִם) completa ou dá seguimento ao numeral ordinal *primeiro*. Diversas vezes, é empregado em passagens que mostram emparceiramento, como, por exemplo, quando se imagina uma aliança ou um acordo entre duas partes. Enfim, se passa a ideia de uma duplicação de um item inicial, sendo que tal duplicação ora pode ter a conotação de conseguir duas vezes o que antes somente existia uma vez, ora por se fazer uma cópia exata de algo, ora por se ter um segundo item, uma segunda pessoa, um segundo nível ou uma segunda seção⁴². Em diversos momentos na Bíblia Hebraica, o numeral ordinal *segundo* (שֵׁנַיִם) é encontrado, sendo que conta com trinta e cinco presenças⁴³.

Enfim, no Monte Sinai e/ou no Monte Horeb, Moisés recebeu, num momento anterior, as primeiras placas (cf. Ex 24,12; 31,18; Dt 5,22; Dt 9,9.11) e, num momento posterior, as segundas placas (cf. Ex 34,4; Dt 10,1.2.3.4). De certo, o segundo par de

³⁹ Frank CRÜSEMANN, *A Torá*, p. 50-97.

⁴⁰ Bruce K. WALTKE, M.O'CONNOR, *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*, p. 284.

⁴¹ Luis ALONSO Schökel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 477. Nelson KIRST et all. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*, p. 221. William L. HOLLADAY, *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*, p. 459-470.

⁴² Hermann J. AUSTEL, Segundo, duplo, repetição. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 1593.

⁴³ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. p. 876-877.

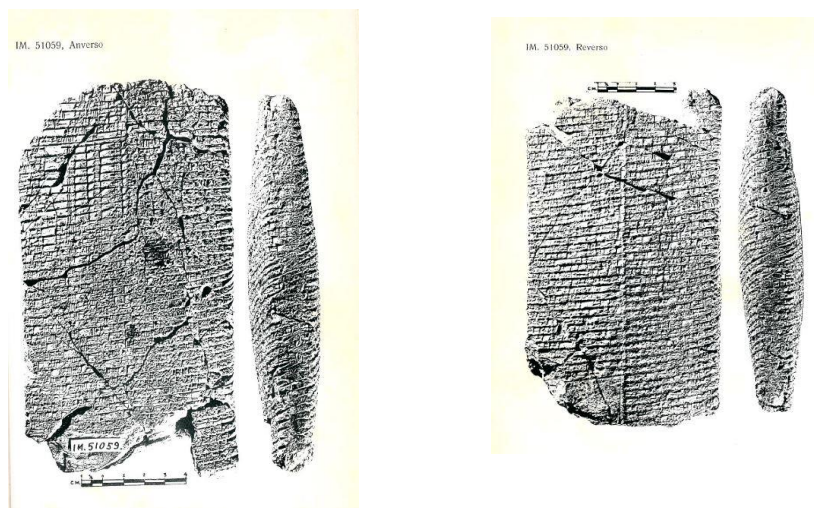
placas tornou-se necessário após o primeiro par ter sido despedaçado por Moisés. No entanto, a existência multiplicada e renovada das *placas* traz a conotação de que o objeto em questão devia permanecer e sobreviver para sempre.

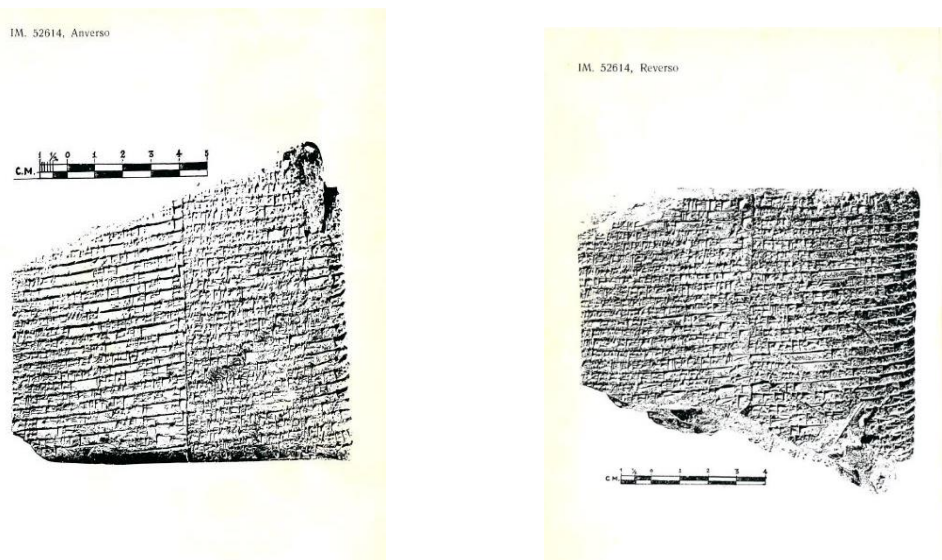
1.5. Os dois lados

As *placas* receberam uma escrita ou inscrição. Quer dizer, nelas se vê algo escrito ou inscrito. A origem de tal escrita ou inscrição e o conteúdo serão estudados no próximo capítulo. Aqui, no entanto, ao estar sendo estudada a materialidade das *placas*, é importante observar o que é afirmado em Ex 32,15: trata-se de *placas* escritas, com inscrições em seus dois lados, ou seja, escritas ou com inscrições de cá e de lá. Todavia, essa afirmação, provavelmente, surpreenda o ouvinte-leitor, uma vez que ela não é repetida em outro lugar.

Quem, por sua vez, fica atento à cultura material do Antigo Oriente, contemplando os objetos escavados e estudados pela ciência da Arqueologia, irá lembrar-se dos Códigos tão conhecidos de *Eshnunna* e de *Hamurabi*. São conjuntos de leis inscritas em pedras. Mais ainda, as inscrições se encontram nos dois lados da pedra, ou seja, de cá e de lá. Aliás, como se trata de pedras arredondadas, as inscrições se encontram em torno de todo o objeto material, sem que se tivesse qualquer espaço desocupado. Eis as ilustrações para verificar o que aqui é afirmado.

Figura 07: Código de Eshnunna





Fonte: BOUZON, 1986, p. 169-170

O *Código de Eshnunna* foi encontrado, em dois exemplares, no *Tell Abu Harmal*, no sul de Bagdá. São duas *placas* com o mesmo texto, ou seja, cada *placa* traz as mesmas leis, sendo que existem algumas variações. A escrita se encontra em ambos os lados, sendo que foi usada a língua e, com isso, a escrita do *cuneiforme*. Todavia, as duas versões do *Código de Eshnunna* foram descobertas em momentos diferentes: a primeira, em 1945, medindo entre 10,5x20cm, e a segunda, em 1947, medindo 12x11,5cm.

As denominações técnicas em vista da catalogação dos objetos são *A IM 51.059*, para a versão mais completa, e *B IM 52.614*, para a versão mais curta. Atualmente encontram-se no museu do Iraque⁴⁴.

O *Código de Hammurabi*⁴⁵ é considerado o melhor texto de leis do Antigo Oriente Antigo, foi encontrado em 1901 pela expedição arqueológica francesa, na antiga cidade de Susa, na Pérsia. Há informações sobre praticamente todos os aspectos da vida

⁴⁴ Emanuel BOUZON. *As leis de Eshnunna* (1825-1787 a.C.), p. 13-15.

⁴⁵ Embora seja o código mais extenso e também conhecido do Antigo Oriente o *Código de Hammurabi* não é o mais antigo, as inscrições de *Urukagina* datam 2351-2342 a.C., porém não transmitem leis ou normas legais, mas apresentam medidas sociais para corrigir as injustiças. O texto mais antigo conhecido atualmente é atribuído ao fundador da terceira dinastia de Ur, Ur-Nammu (2111-2094 a.C.), para maiores informações conferir em Emanuel BOUZON, *O Código de Hammurabi*, p. 21-25.

da sociedade babilônica: família, herança, propriedade, escravidão, comércio, etc. A estela é de diorito negro, com 2,25 metros de altura, 1,60 metros de circunferência e 2,00 metros de base. Em sua parte superior está esculpido, em baixo-relevo, o Deus Sol, protetor da justiça, entregando as tábuas da lei ao rei Hammurabi, na parte inferior existem colunas com 282 parágrafos com 3.600 linhas, escritas com sinais cuneiformes. Atualmente encontra-se no museu de Louvre, em Paris⁴⁶.

Figura 08: *O Código de Hammurabi*



Fonte: Guia do Louvre⁴⁷

Enfim, existem, na história do Antigo Oriente, *placas* que, em seus dois lados, recebem uma escrita ou uma inscrição transmitindo formulações jurídicas. Nesse sentido, embora não repetida em outro lugar, a notícia em Ex 32,15 sobre as *placas* é compreensível dentro de seu contexto histórico-cultural e, teologicamente, talvez de maior importância, algo a ser estudado no próximo capítulo.

⁴⁶ Emanuel BOUZON. **O Código de Hammurabi**, p.21-25; Jair Lot VIEIRA. **Código de Hammurabi: Código de Manu – excertos (livros oitavo e nono): Lei das XII Tábuas**, p. 9-10.

⁴⁷ Disponível em: <<https://guiadolouvre.com/codigo-de-hammurabi-rei-da-babilonia/>>

1.6. Arremessadas e despedaçadas

Faz parte do estudo da materialidade das *placas* que elas, em determinado momento, foram atiradas ao chão e, com isso, despedaçadas. Quatro vezes o Pentateuco narra esse incidente. Quando Moisés voltou do monte Sinai com as *placas* de seu encontro com Deus, ele “viu o bezerro e as danças no acampamento” dos israelitas, sendo “que incendiou a ira dele”, e então “arremessou” ou “atirou as placas e as despedaçou ao pé do monte” (Ex 32,19). Mais tarde, novamente se refere a esse acontecimento, quando é mencionada as “primeiras placas” que Moisés “tinha atirado” (Ex 34,1). Além disso, em seu discurso de despedida, Moisés se lembra outra vez do acontecimento: “Agarrei as duas placas, as atirei com minhas duas mãos e as despedacei aos vossos olhos” (Dt 9,17). Há ainda um discurso que Deus dirige a Moisés, o qual também se refere ao ocorrido: “Escreverei sobre as placas as palavras que estiveram sobre as primeiras placas que despedaçastes” (Dt 10,2).

O verbo *romper, quebrar, destroçar, fraturar, reduzir a cacos* (שבר) é traduzido com toda essa variedade de verbos em português, de acordo com o sujeito ou o objeto⁴⁸. A raiz verbal ganha cento e quarenta e sete presenças no Antigo Testamento⁴⁹. Justamente no grau do *Piel*, o verbo aqui discutido é usado muitas vezes no contexto da destruição de ídolos. Nesse sentido, para transmitir a ideia intensiva do grau *Piel*, é possível imaginar um esmagamento, até o objeto em questão virar pó⁵⁰, ou seja, imagina-se um estilhaçamento do ídolo (cf. Ex 32,19; 34,1; Dt 9,17; 10,2). Ao aplicar essa conotação simbólico-teológica ao que Moisés faz com as *placas de pedra*, percebe-se o quanto o ato de elas serem lançadas no chão e quebradas (cf. Ex 24,19; 34,1; Dt 22,9.13) é significativo.

Todavia, a raiz verbal שבר aparece vinte e três vezes no Pentateuco, empregada em contextos diversos, ora com um sentido próprio, ora de forma metafórica. No caso, a ação indicada pelo verbo se refere portas (cf. Gn 19,9), árvores (cf. Ex 9,25), ossos de animais (cf. Ex 12,46, 22,9.13 22; Nm 9,12), ídolos/imagens (cf. Ex 23,24, 34,13; Dt 12,3), placas de pedra (cf. 32,19, 34,1; Dt 9,17, Dt 10,2), vasos de barro (cf. Lv 6,21, 11,33), pés humanos (cf. Lv 21,19^{2x}, 24,20^{2x}; Dt 7,5), barras de jugos (cf. Lv 26,13), bengalas de pão (cf. Lv 26,26) e até à soberba da força de alguém (cf. Lv 26,19).

⁴⁸ Luis ALONSO Schökel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 655-656.

⁴⁹ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 1402-1403.

⁵⁰ Victor P. HAMILTON, *Quebrar, despedaçar*. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 1519.

As *placas de pedra* foram despedaçadas após o episódio do bezerro de ouro. Foi Moisés quem as lançou ao chão ao descer do monte (cf. Ex 32,19 e Dt 9,17). Posteriormente, o Senhor se propôs a escrever sobre novas *placas* o que estava escrito sobre as *placas* despedaçadas (cf. Ex 34,1; Dt 10,2). O uso do verbo no grau do *Piel* propõe uma intensificação do significado da raiz e está relacionado com causalidade, enquanto o objeto em questão, de forma passiva, se encontra num estado de receber os efeitos da ação. As *placas* são destroçadas para que, posteriormente, possa ser construído algo novo, evidenciando-se a ruptura diante da má conduta e do afastamento do projeto de liberdade através do direito divino. A renovação das *pedras* destroçadas é uma narrativa concreta do perdão, abrindo para Israel uma nova possibilidade de relação com o Senhor⁵¹.

A raiz verbal aqui traduzido como *lançar* (לָשַׁךְ) aparece vinte e duas vezes no Pentateuco⁵². No grau do *Hifil* assume os seguintes significados: *arremessar, arrojado, atirar, jogar, lançar, expulsar*⁵³. Com isso, se percebe que as *placas de pedra* foram lançadas por Moisés “ao pé do monte” (Ex 32,19), após ele ter observado a fabricação do bezerro de ouro. Ou seja, foram despedaçadas (cf. Ex 32,19; Dt 9,17):

“[...] Moisés joga as tábuas da lei ao chão como expressão de sua ira e indignação diante do abandono de Deus por Israel. Mas isso é mais do que uma expressão de ira; igualmente simboliza a terrível verdade de que Israel tinha sido tão rápido em quebrar a aliança sinaítica”⁵⁴.

Alguns paralelismos podem ilustrar melhor o que se entende quando é dito que algo está sendo lançado e/ou arremessado. Na narrativa sobre Abraão, Agar “lança seu filho Ismael debaixo de um arbusto” (Gn 21,15). Também José é lançado por seus irmãos numa cisterna (cf. Gn 37,20.22.24). Além disso, os filhos do sexo masculino dos hebreus foram lançados no rio Nilo, lembrando que as filhas foram preservadas (cf. Ex 1,22).

Em especial, por sua vez, é importante mencionar que Moisés, de forma repetida, lança ou arremessa objetos no chão ou em algum outro ambiente. Ora o faz com seu cajado, o qual, diante do faraó, se transformou em serpente (cf. Ex 4,3;

⁵¹ Frank CRÜSEMANN, *A Torá*, p. 91.

⁵² Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 1446.

⁵³ Luis ALONSO Schökel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 674.

⁵⁴ Hermann J. AUSTEL, *Jogar, atirar, lançar*. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 1570.

7,9.10.12). Ora o faz com um galho que lança nas águas amargas de Mara, a fim de que essas se tornassem doces (cf. Ex 15,25). Finalmente, lança no chão as *placas de pedra* (cf. Ex 32,19; Dt 9,17). Aliás, semelhantemente, também o ouro com que iria ser fabricado o bezerro foi lançado no fogo (cf. Ex 32,24).

Resumindo: os paralelismos referentes à raiz verbal aqui traduzida como lançar ou arremessar traz consigo diversas conotações simbólico-teológicas. Ora se percebe um ato motivado por emoções fortes como a raiva. Ora se imagina que lançar algo no chão para quebrá-lo ou despedaçá-lo oferece a oportunidade de substituir o objeto anulado por algo novo. Nesse sentido, se pode imaginar que algo está sendo lançado ou arremessado a fim de que ocorra uma transformação significativa. Portanto, é possível compreender o ato de Moisés, quando arremessa e despedaça as *placas de pedra* ao pé do monte Sinai, não somente como favorecendo a destruição de algo, mas como insistência em uma transformação radical e absolutamente necessária.

1.7. Vinculadas à arca e a um monte

Dois espaços, de forma específica, se encontram vinculados às *placas de pedra*. Um deles é a arca, espaço fabricado por mãos humanas. O outro é um espaço geográfico. Trata-se do monte de Deus, ora chamado *Sinai*, ora *Horeb*.

Seja focada, primeiramente, a *arca*⁵⁵. O vocábulo hebraico אָרוֹן ou אֲרוֹן pode ser compreendido como *arca*, *arcaz*, *arqueta*, *caixão*, *cofre*, *baú*, *sarcófago*, *ataúde*, *féretro*, *caixote*⁵⁶. Na Bíblia Hebraica, o vocábulo em questão carrega a conotação de um objeto pertencente a alguém, seja ao Senhor, Deus de Israel, seja a um determinado lugar. Além disso, também se cria uma relação entre a arca e outro objeto, ou a arca e um conceito teologicamente importante. Nesse sentido, é lido, de forma repetida, “arca de” algo ou alguém. Quer dizer, o substantivo *arca* (אָרוֹן), nesses casos, aparece no estado do construto, esperando por seu complemento.

Eis uma lista de expressões que se encontram nos textos da Bíblia Hebraica:

- “arca de Deus” (1 Sm 4,13: אֲרוֹן הַיְהוָה),

⁵⁵ Para mais informações sobre a história da Arca da Aliança e suas ocorrências, verificar em: Gilvan Leite de ARAÚJO. *Arca da Aliança*, p.234-248.

⁵⁶ Luis ALONSO Schökel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p.75.

- “arca do Senhor Deus” (Js 4,5: אָרוֹן יְהוָה אֱלֹהֵינוּ),
- “arca do Deus de Israel” (1Sm 6,3: אָרוֹן אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל),
- “arca do Deus de Quiriate-Jearim” (1Cr 13,5: אָרוֹן הָאֱלֹהִים מִקִּרְיַת יְעָרִים),
- “arca do Senhor” (Js 6,6: אָרוֹן יְהוָה),
- “arca do Senhor, Deus de Israel” (1Cr 15,12: אָרוֹן יְהוָה אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל),
- “arca da aliança” (Js 3,6: אָרוֹן הַבְּרִית),
- “arca da Aliança do Senhor” (Js 3,11: אָרוֹן בְּרִית־יְהוָה),
- “arca da aliança de Deus” (Jz 20,27: אָרוֹן בְּרִית הָאֱלֹהִים),
- “arca da aliança do Senhor dos Exércitos” (1Sm 4,4: אָרוֹן בְּרִית־יְהוָה צְבָאוֹת),
- “arca do testemunho” (Ex 26,33: אָרוֹן הָעֵדוּת ou אָרוֹן הָעֵדוּת),
- “arca do santo/da santidade/sagrada” (2Cr 35,3: אָרוֹן־הַקֹּדֶשׁ)

Embora a *arca* (אָרוֹן) seja mencionada quarenta e duas vezes no Pentateuco⁵⁷, surpreendentemente poucos textos criam uma relação direta entre a arca e as *placas*. No Pentateuco, tal ligação, em princípio, se restringe ao que se lê em Dt 10,1.2.3.5; ver também 1Rs 8,9 e 2Cr 5,10. Não obstante, também o livro do Êxodo transmite a ideia das *placas* serem colocadas dentro da arca, uma vez que esta se torna o receptáculo que “acolhe o testemunho” (Ex 25,16). Ou seja, a arca se encontra intimamente vinculada às *placas*, nasce em função das *placas* chamadas de testemunho, e posteriormente tornam-se o conteúdo que preenche a *arca*.

Eis alguns detalhes que acompanham a arca no Pentateuco. De um lado, a arca se encontra vinculada aos materiais que foram usados para sua construção, conforme exemplos a seguir:

- “arca de toras de acácia” (Dt 10,3: אָרוֹן עֲצֵי שִׁטִּים; ver também Ex 25,10)
- ou “arca de madeira/tora” (Dt 25,1: אָרוֹן עֵץ)

Embora não seja comum a expressão arca de ouro, o metal precioso é usado para o revestimento da arca (cf. Ex 25,10-11). Portanto, aqui há um segundo material ligado a ela.

⁵⁷ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 138-139.

De outro lado, as tradições pertencentes à Bíblia Hebraica descrevem a forma e o tamanho da arca. É compreendida como uma caixa, capaz de acolher, como recipiente, um objeto, seu tamanho é de dois côvados e meio em seu comprimento, com um côvado e meio em sua largura e com um côvado e meio em sua altura; imagina-se um côvado, a extensão do cotovelo até a ponta do dedo médio, com 45 centímetros⁵⁸.

Além disso, é revestida de ouro puro por dentro e por fora, com quatro argolas fundidas de ouro, que são fixadas nos quatro cantos dela, duas argolas sobre uma lateral e duas sobre outra lateral. Mais ainda, existem dois varais de toras de madeira de acácias, também revestidas de ouro. Tais varais servem para carregar a arca. Constantemente, ficarão colocados nas argolas fixadas sobre os dois lados da arca. Não serão retirados delas. Assim, a presença das argolas e dos varais parece indicar que Israel deva estar sempre pronta para partir, sendo que a arca, a qualquer momento, pode ser carregada a fim de acompanhar o povo em seus deslocamentos⁵⁹.

A iconografia representa a Arca da Aliança conforme ilustração a seguir:

Figura 09: A Arca da Aliança



Fonte: Tabernáculo⁶⁰

Além da arca, um segundo espaço se encontra vinculado às *placas*. É o monte de Deus, ou seja, o Sinai e/ou o Horeb. Afinal, por causa da ordem direta o Senhor, Moisés sobe ao monte para ali receber as *placas de pedra* (cf. Ex 24,12) e, com isso, a instrução e/ou o mandamento que servirão de base para a possibilidade do povo viver na presença de seu Deus e se tornar um povo santo.

⁵⁸ Georg FISCHER; Dominik MARKL. *Das buch Exodus*, p. 281-284.

⁵⁹ Verificar uma suposta representação da arca em um carro romano de quatro rodas por volta do século III-IV (d.C.), em: André CHOURAQUI, *a Bíblia: Nomes (Êxodo)*, p. 224.

⁶⁰ Disponível em: <<https://www.jesusnet.org.br/tabernaculo/arcadaal.htm>>.

Segundo a tradição comumente acolhida entre judeus e cristãos, o monte Sinai se encontra no sul da península do Sinai, a qual hoje pertence ao Egito, entre o Mar Mediterrâneo ao norte e o Mar Vermelho a leste e oeste. Possui cerca de 60.000 km², com um formato triangular. Pode ser dividido em duas partes: o planalto do Sinai do norte e central, com um deserto de sedimentos de cal branco e de campos de sílex marrom até preto avermelhado, e a outra parte ao sul, com numerosos *wadis* e elevações multiformes, que atingem mais de 2.600 metros⁶¹.

Após a saída do Egito, aproximadamente noventa dias depois (cf. Ex 12,6.12), o povo do êxodo chegou ao deserto do Sinai (cf. Ex 19,1) e acampou diante da montanha. Realizou uma experiência da manifestação de Deus em meio a manifestações vulcânicas (cf. Ex 19,16-25). Por isso, o Sinai é considerado o local de comunicação do Senhor (cf. Dt 5,22; 9,11). A permanência dos israelitas no monte Sinai é narrada entre Ex 19,1 e Nm 10,11, sendo que essa etapa ocupa cinquenta e nove dos cento e trinta e sete capítulos que formam a história do êxodo nos últimos quatro livros do Pentateuco. Nesse sentido, o local do Sinai exerce uma importância ímpar nessa macronarrativa tão fundante para a religião do antigo Israel. A seguir uma ilustração do Sinai.

Figura 10: *Monte Sinai*



Fonte: Visitando a Terra Santa, *Qassem Company*, p. 102

⁶¹ Erich ZENGER, *O Deus da Bíblia*, p. 29-30.

Montanhas são elevações e podem ser escaladas. O local onde terminam, pensando nos picos, começa o céu e se tem, portanto, maior proximidade a Deus. Eis a razão pela qual se constroem templos nos topos de montanhas. Basta lembrar o Templo de Jerusalém em cima do monte Sião. Mais ainda, montanhas facilmente se tornam imagens de estabilidade, por provocarem a sensação de estarem firmes e aprumadas⁶². Neste sentido, surge uma conexão entre o monte Sinai e as *placas* e de alguma forma, elas participam da realidade que o monte simbolicamente transmite.

Enfim, o monte de Deus é lugar de salvação. Ali o Senhor, Deus de Israel, se encontra com Moisés. Nele a comunidade dos que saíram do Egito é organizada juridicamente, uma vez que, no monte Sinai, Moisés recebeu as leis inscritas nas *placas*, a fim de transmiti-las ao povo. Finalmente, na base de tais leis, nasce a aliança entre Deus o seu povo. As *placas* representam todo esse processo⁶³.

⁶² Luis ALONSO Schökel, **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**, p. 184-185.

⁶³ Frank CRÜSEMANN, **A Torá**, p. 64.

2. Autoria e conteúdo inscrito das placas

No primeiro capítulo foi estudada a materialidade das *placas* que, segundo as tradições exodais, se destacam como um objeto religiosamente importante. Ficou esclarecido que tais *placas* eram de *pedra* (1.1), foram esculpidas e/ou lavradas (1.2), e receberam uma inscrição nos dois lados (1.5). Além disso, se imagina que eram duas (1.3), sendo que tais *placas* existiram por duas vezes. Segundo a macronarrativa no Pentateuco, houve o primeiro par de *placas*, o qual foi destroçado por Moisés (1.6). Depois disso, ele recebeu uma segunda versão das *placas* (1.4) e dois espaços são lembrados: a arca e o monte de Deus (1.7).

No segundo capítulo, o foco será questões referentes à autoria daquilo que se encontrava nas *placas* e também o seu conteúdo. No entanto, quando se inicia um processo mais qualificado de consulta aos textos bíblicos, a questão da autoria em relação à inscrição se torna complexa. Por isso, seja dado o devido espaço a essa abordagem, a fim de uma melhor compreensão do que as *placas* teologicamente representam.

2.1. O dedo de Deus

Ao ser verificada as quarenta e três presenças das *placas* na Bíblia Hebraica, percebe-se que trinta e três delas se encontram nos livros do Êxodo e do Deuteronômio. Mais ainda, duas vezes é expressamente dito que Deus escreveu algo com o seu *dedo* em tais *placas* (cf. Ex 31,18; Dt 9,10). Exatamente, se lê o seguinte:

Ex 31,18	“Ao ele terminar de falar com ele, no monte do Sinai, deu a Moisés as duas placas do testemunho, <i>placas</i> de pedra escritas com o <i>dedo de Deus</i> (בְּאֶזְבֵּעַ אֱלֹהִים)”.
Dt 9,10	“O Senhor deu a mim as duas <i>placas</i> de pedras escritas com o <i>dedo de Deus</i> (בְּאֶזְבֵּעַ אֱלֹהִים)”.

Observa-se, por duas vezes, a mesma expressão formada por dois substantivos apresentados numa cadeia construída, o *dedo de Deus* (אֶצְבַּע אֱלֹהִים), e introduzida como objeto indireto por meio da preposição traduzida como *com* (בְּ). Dessa forma, o dedo de Deus ganha expressividade, quando o Pentateuco apresenta as *placas do testemunho* com uma relação direta com ele, por mais que o objeto de pesquisa sejam as *placas*.

A linguagem bíblica em relação a Deus, a qual reflete a cultura religiosa do antigo Israel, em boa parte pode ser qualificada como antropomórfica. Tal conceito encontra suas origens em duas palavras gregas: *antropós* (grego) significa *homem* ou *ser humano*, sendo que *morfé* (grego) equivale à palavra *forma* ou *configuração*. Portanto, quem ou o que é antropomórfico tem forma de ser humano, no sentido de se insistir numa reflexão vinculada à experiência humana. Também Deus, embora não seja homem, é pensado e/ou descrito, em diversos textos bíblicos, como se fosse homem, ou seja, em correspondência ao ser humano. Aliás, todo o pensamento humano, em princípio, é antropomórfico, algo que vale também para o momento em que o homem se propõe a pensar sobre Deus, sendo que insiste na reflexão teológica⁶⁴.

Ao estudar a antropologia pertencente à Bíblia Hebraica, percebe-se uma valorização ampla da *mão* (יָד). Tal parte do corpo humano aparece mais de mil e seiscentas vezes⁶⁵ nos textos que formam a primeira parte da Bíblia. Sem as mãos o ser humano estaria impedido de realizar muitas coisas, afinal, com elas se realizam gestos que auxiliam na comunicação, se movem objetos, se constroem obras de arte, torna-se possível exprimir relações e as mãos possibilitam um cuidado com a higiene do corpo. Ou seja, o fazer humano parece concentrar-se, de um modo especial, nas mãos e nelas a reflexão ganha expressão⁶⁶.

Na antiguidade, apertar as mãos era sinal de acordo, de uma parceria conciliadora (cf. 2Rs 10,15-16); representava também um sinal de alegria e aplauso (cf. 2Rs 11,12), ou de expulsão e até mesmo rejeição (cf. Jó 27,23; Ez 6,11). As mãos, ao serem lavadas, trazem integridade moral (cf. Dt 21,6), são utilizadas para oração (cf. Sl 44,21), abençoam (cf. Gn 48,13s), transmitem o Espírito (cf. Dt 34,9), ungem pessoas (cf. 1Sm 10,1) e também trazem bem estar (cf. Ct 2,6).

⁶⁴ Hans Walter WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 21-26.

⁶⁵ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 559-571.

⁶⁶ Sílvia SCHROER e Thomas STAUBLI, *Simbolismo do Corpo na Bíblia*, p. 195.

Em alguns textos há uma diferenciação entre a mão esquerda e a mão direita, sendo que, usualmente, a mão direita é reservada à alimentação e a esquerda, à limpeza. Nas prescrições rituais, a distinção também é significativa: a purificação ocorria com a presença do óleo que era segurado com a mão direita e aspergido com o dedo da mão direita (cf. Lv 14,15) na palma da mão esquerda. O lado direito era o lado da honra.

No Oriente Próximo, a mão direita de Deus, a que abençoa traçando o destino de alguém, tornou-se um símbolo do Deus Altíssimo, sendo que os judeus atribuíram isso ao Senhor. Essa distinção, porém, não é tão presente nas Escrituras, tanto que o salmista agrade por Deus o ter criado por suas mãos (cf. Sl 119,73). Quer dizer, a mão de Deus formou todo o universo, e Ele o mantém com vida (cf. Dt 33,27). Depende-se, portanto, da mão generosa de Deus, que nos sacia com suas mãos (cf. Sl 145,16), nos protege e sustenta.

Parte da mão, por sua vez, é o dedo. O substantivo traduzido aqui como *dedo* (אֶצְבָּע) aparece trinta vezes na Bíblia Hebraica⁶⁷. Na maioria das narrativas bíblicas, o *dedo* é mencionado em vista da purificação do altar, e isso é realizado através de um ritual de expiação dos pecados com o sangue do novilho ou com azeite, aspergido com o dedo sobre o altar (cf. Ex 29,12; Lv 4,6.17.25.30.34, 8,15, 9,9, 14,16.27, 16,14.19; Nm 19,4). O dedo também foi utilizado como referência para medidas e contagem (cf. Jr 52,21; 2Sm 21,20), como forma de cumprimento/saudação (cf. Pr 6,13) ou numa determinada direção para acusação (cf. Is 58,9). Os dedos dos homens constroem altares (cf. Is 17,8), ídolos (cf. Is 2,8) e estão muitas vezes contaminados (cf. Is 59,3), sendo utilizados também para guerras (cf. Sl 144,1).

A narrativa exodal apresenta a escrita da instrução e/ou do mandamento como resultado de uma ação que parte do *dedo de Deus* (cf. Ex 31,18, Dt 9,10). Além dessas duas referências, apenas em Ex 8,15 o *dedo de Deus* (אֶצְבָּע אֱלֹהִים) é mencionado mais uma vez, quando Moisés, em obediência a uma ordem direta do Senhor, solicita a Aarão que estenda seu bastão na frente do faraó. Este objeto foi então transformado em insetos, surgindo a terceira praga do Egito, e os magos afirmaram que tal acontecimento

⁶⁷ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 135.

somente poderia ser consequência do *dedo de Deus*⁶⁸. Pretendiam, portanto, afirmar que o mal era ação divina, sendo fatal e sem a possibilidade de remediação humana.

Em vista do estudo de determinado elemento ou detalhe nas tradições bíblicas, sempre é interessante olhar também para as culturas vizinhas do antigo Israel. O que se pode descobrir em relação ao dedo? Os egípcios, por exemplo, protegiam-se das ações demoníacas estendendo o dedo indicador e o dedo médio como defesa, executando danças exorcistas, mantendo os dedos nessa posição. Também rezavam à divindade com esse gesto. Mais ainda, dedos de pedra ou de bronze eram colocados junto às múmias⁶⁹.

Figura 11: *Amuleto egípcio*



Fonte: SCHROER Silvia; STAUBLI, Thomas, 2003, p. 216

Resumindo: no que se refere à Bíblia, surge um contraste entre o que o homem pode realizar com seu dedo, por exemplo, gestos perversos (cf. Pr 6,13-14) ou ídolos

⁶⁸ Para maiores esclarecimentos sobre as pragas do Egito, verificar a Dissertação de Mestrado Fernando GROSS, **O coração do faraó**, no livro do Êxodo e na tradição judaica, p. 25-30; também em George V.PIXLEY. **Êxodo**, p. 64-84.

⁶⁹ SCHROER Silvia e STAUBLI, Thomas. **Simbolismo do corpo na Bíblia**, p. 216.

(cf. Is 2,8), e o que representa o *dedo de Deus*⁷⁰. Até os céus, a lua e as estrelas são contempladas como obras do “dedo de Deus” (Sl 8,4). Talvez por isso os dedos tornam-se o local indicado para amarrar as palavras de Deus como instrução transmitida pelo sábio (cf. Pr 7,3)⁷¹.

Com isso, se imagina agora mais facilmente qual é a abrangência da afirmação em Ex 31,18 e Dt 9,10, insistindo na ideia de que a inscrição nas *placas* foi escrita pelo *dedo de Deus*. As *placas* e, em especial, as palavras que transmitem tem haver com a presença de Deus, o poder criativo dele e o seu envolvimento com a humanidade⁷².

Enfim, Deus escreve nas duas *placas de pedra* como se imagina que escreva no livro celestial⁷³, onde estariam inscritos os nomes das pessoas (cf. Ex 32,32; Sl 69,28-29; Is 4,3; Dn 12,1). Todavia, o pensamento semítico foca no efeito de tais escritas divinas, e não nas formas ou aparências. Ou seja, conta a ação, e não a forma⁷⁴. Nesse sentido, uma escrita realizada pelo *dedo de Deus*, em linguagem antropomórfica, evidencia o caráter divino do que foi escrito.

2.2. Deus como quem escreve

A ideia da escrita surge na pré-história, com símbolos numéricos. Posteriormente, com a descoberta e a difusão da agricultura e com a criação de gado (período neolítico 7000-4000 a.C.), ocorre uma grande evolução no quesito organização, gerando o aumento das reservas alimentares. Com isso, o tempo tornou-se um fator importante, sendo que o nascimento da escrita favoreceu uma nova percepção dele e do espaço⁷⁵.

Os documentos encontrados na cidade de *Uruk*, aproximadamente 3.200 a.C., em formato de tabletes de argila com a escrita cuneiforme, apresentam sinais pictográficos. Essa escrita era utilizada para gravar algo em paredes de rochedos, corpos de estátuas ou monumentos, sendo que um decalque do texto era escrito no tablete de

⁷⁰ Hans Walter WOLFF. *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 123.

⁷¹ Em Dt 6,8 os mandamentos, leis e costumes precisam ser amarrados à mão, como sinal de pertença ao seu Deus, e como um sinal concreto da ligação interior à Lei. (cf. Bíblia Tradução Ecumênica, p. 278,279, notas de rodapé).

⁷² Gerald A. KLINGBEIL, *The Finger of God in the Old Testament*, p. 415.

⁷³ William M. SCHNIEDEWIND. *Como a Bíblia tornou-se um livro*, p. 41

⁷⁴ Silvia SCHROER; STAUBLI, Thomas. *Simbolismo do corpo na Bíblia*, p. 39.

⁷⁵ Katia Maria Paim POZZER. *Escritas e escribas: o cuneiforme no Antigo Oriente Próximo*, p. 61-62.

argila. Com os estudos dessas evidências materiais, tornou-se possível elaborar uma sequência cronológica do desenvolvimento do sistema de escrita da Mesopotâmia.

Na próxima etapa, a fonética favoreceu o surgimento de duas línguas diferentes: o sumério, língua composta de palavras que não se modificam, e o acádico, uma língua semítica com palavras flexionadas, ou seja, modificadas.

Segundo Katia Pozzer, “[...] pode-se concluir que a partir do momento em que a representação gráfica impede o desenho de ser espontaneamente evocador e o estiliza, transformando-o em convenção e não mais exigindo o seu reconhecimento, mas sua memorização, a ruptura com a arte é consumada e nasce a escrita”⁷⁶.

No Oriente Antigo, era um privilégio e uma superioridade social o fato de saber ler e escrever. A profissão do escriba tinha um caráter hereditário, com uma grande importância social. Era preciso dominar centenas de sinais do sistema cuneiforme, para poder reproduzi-los. Além disso, era preciso também conhecer os formulários dos contratos e técnicas contábeis, devido aos grandes patrimônios e glorificar os feitos do rei, redigir tratados e alianças entre Estados.

Tanto a língua acádica quanto a escrita cuneiforme foram, durante praticamente dois milênios, a língua oficial e diplomática na antiguidade. Com elas, se estabeleciam alianças matrimoniais, tratados de paz, declarações de guerra, etc.

A escrita possuía um caráter sagrado, especialmente nas sociedades pré-letradas. Era utilizada para gerar reverência religiosa, sendo considerada uma dádiva dos deuses, e não apenas uma atividade humana e/ou mundana. Nesse sentido, existiam os deuses da escrita nas culturas vizinhas de Israel: no caso da Assíria e Babilônia, era o deus *Nebo* (cf. Is 46,1); em relação ao Egito, seja mencionado o deus *Tot*⁷⁷.

No antigo Israel, por sua vez, a escrita era um conhecimento reservado às elites políticas e religiosas, sendo que ela continha um papel restrito. Contudo, a palavra escrita se desenvolve ligada a uma transformação da memória coletiva. A escrita permite uma “[...] comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição [...]”⁷⁸.

⁷⁶ Katia Maria Paim POZZER, *Escritas e escribas: o cuneiforme no Antigo Oriente Próximo*, p. 64.

⁷⁷ William M. SCHNIEDEWIND. *Como a Bíblia tornou-se um livro*, p. 20-45.

⁷⁸ Jacques LE GOFF, *História & Memória*, p. 394.

Os reis na Mesopotâmia conservavam, através de imagens e de inscrições, a lembrança de uma vitória. Mais ainda, no Oriente Médio, as inscrições comemorativas estavam agora em estelas e obeliscos. No antigo Egito, por sua vez, as estelas perpetuavam uma memória nos túmulos, narrando a vida do morto. Existia, portanto, uma extraordinária comemoração e uma perpetuação da lembrança via a escrita.

Nesse contexto, pedra e mármore serviam como suporte à memória. Construíam uma publicidade insistente. Embasadas na ostentação, as inscrições ofereciam durabilidade à memória, que agora estava lapidada.

Resumindo: um documento escrito em um suporte possuía caráter de monumento, sendo que a escrita permitia o armazenamento de informações que podiam ser transmitidas perpassando tempo e espaço, fornecendo ao homem “[...] um processo de marcação, memorização e registro, [...] ao assegurar a passagem da esfera aditiva à visual, permite reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas”⁷⁹.

Diante dessa história da escrita resumida brevemente, lembrando que ela ocorreu no terceiro milênio antes de Cristo, tanto no Egito como na Mesopotâmia, e foi uma das invenções mais marcantes na história da humanidade, aquilo que é narrado nos textos bíblicos ganha uma expressividade maior. Também os textos bíblicos precisam ser entendidos dentro e a partir desse seu contexto histórico-cultural. Não se pode pensar que a Bíblia tivesse nascido num vácuo. Pelo contrário, os textos bíblicos nasceram em diálogo com a história as quais pertencem.

Portanto, em relação à pesquisa, não surpreende que o verbo comumente traduzido como *escrever* (כתב) tenha duzentas e cinco presenças⁸⁰ na Bíblia Hebraica. Como já existia a escrita na história do antigo Oriente Médio, ela também aparecia nos textos bíblicos. Nestes últimos, de forma direta ou por aquilo que o contexto literário mais próximo indica, diversas pessoas são apresentadas como autores ou como quem escreve algo.

Contudo, quem é mencionado no Pentateuco como escritor? Primeiramente, Moisés. Ora ele “escreve algo como memorial num livro” (Ex 17,14), ora ele é pensado como quem “escreve todas as palavras do Senhor” (Ex 24,4), sendo que essas, dentro de seu contexto narrativo, precisam ser identificadas com o que se ouve ou lê no Código da

⁷⁹ Jacques LE GOFF, *História & Memória*, p.396.

⁸⁰ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 704-706.

Aliança (cf. Ex 20,22–23,19), ora são os nomes dos setenta anciãos que devem receber o mesmo espírito que estava sobre Moisés (cf. Nm 11,26), ora são os nomes dos chefes das casas patriarcais colocados em varas (cf. Nm 17,17-18), ora se trata dos registros dos pontos de partida do povo do êxodo em sua caminhada pelo deserto (cf. Nm 33,2), ora é o cântico dele (cf. Dt 31,22), ora é o “livro da Lei” (Dt 31,9.24; ver também Dt 28,58.61, 29,19.20.26, 30,10), sendo que justamente esse livro é entregue por Moisés aos sacerdotes, filhos de Levi.

Além de Moisés, outras pessoas são apresentadas no Pentateuco como quem escreve algo, como os artesãos, construtores do santuário no deserto. Esses gravaram a inscrição “Consagrada ao Senhor” no diadema do sumo sacerdote, o qual era de ouro puro (cf. Ex 39,30). Outra menção cabe em relação ao sacerdote que, em um ritual de intervenção, escreve imprecações e as dissolve na água da amargura (cf. Nm 5,23). Além disso, o israelita, em geral, é quem escreve, sobre as ombreiras da porta da casa e sobre a entrada da cidade as palavras ditas pelo Senhor, a fim de que não sejam esquecidas (cf. Dt 6,9, 11,20). Também o rei tem a tarefa de escrever, em um livro, a cópia da Lei, para que tenha um exemplar particular para o seu uso, sendo que ele será ditado pelos sacerdotes e levitas (cf. Dt 17,18). No mais, um homem israelita que se separa de sua mulher precisa escrever uma ata de divórcio para entregá-la, permitindo que ela saia de sua casa em liberdade (cf. Dt 24,1.3). Finalmente, os israelitas, como povo, recebem a tarefa de escrever todas as palavras da Lei anunciada por Moisés em grandes pedras, sendo que estas devem ser erigidas sobre o monte *Ebal* (cf. Dt 27,3.8). Ou seja, no que se refere ao Pentateuco, Moisés, os artesãos, o sacerdote, o rei, mas também todos os israelitas são pensados e imaginados como quem pode e deve escrever algo. Quer dizer, o povo inteiro, ou seja, todo Israel, e não somente Moisés e/ou os sacerdotes, devem tornar-se escritores e/ou escribas, escrevendo algo. Justamente assim, povo de Deus é chamado a ser fiel à Lei, no sentido de estar inteiramente alfabetizado e instruído, com aptidão de escrever.

A maior surpresa, por sua vez, o Pentateuco apresenta quando imagina o próprio Senhor, Deus de Israel, como quem escreve e, em determinado momento, como quem apaga o que escreveu. A seguir as citações que trazem o verbo *escrever*, sendo que o Deus de Israel é expressamente mencionado como sujeito que age:

Ex 24,12	E o Senhor disse a Moisés: “Sobe a mim, ao monte, e permanece ali! Vou te dar as placas de pedra, tanto a instrução como o mandamento, que <i>escrevi</i> para o instruíres”.
Ex 31,18	Quando Ele terminou de falar, entregou a Moisés, no monte Sinai, as duas placas do testemunho, placas de pedra, <i>escritas</i> pelo dedo de Deus.
Ex 32,16	E as placas: elas eram obra de Deus. E a <i>escrita</i> : ela era <i>escrita</i> de Deus, esculpida sobre as placas.
Ex 32,32	“E agora, pois, perdoa o pecado deles. Se não, risca-me, por favor, do teu livro, o qual escreveste”.
Ex 34,1	E disse o Senhor a Moisés: “Lavra para ti duas placas de pedras como as primeiras, e eu <i>escreverei</i> , sobre as placas, as palavras que estavam sobre as primeiras placas que despedaçou”.
Ex 34,28	E estive ali com o Senhor quarenta dias e quarenta noites. Não comi pão e não bebi água. E <i>escreveu</i> , sobre as placas, as palavras da aliança, as dez palavras.
Dt 4,13	“E vos revelou a aliança dele, a qual vos ordenou a cumprir: as dez palavras. E as <i>escreveu</i> sobre as duas placas de pedra”.
Dt 5,22	“E o Senhor falou essas palavras a toda a vossa assembleia na montanha, em meio ao fogo, a nuvem e a escuridão. Houve uma voz alta. Nada acrescentou. <i>Escreveu-as</i> sobre duas placas de pedra e as entregou a mim”.
Dt 9,10	“E o Senhor me deu as duas placas de pedras, <i>escritas</i> com o dedo de Deus. Sobre elas tudo estava de acordo com as palavras que o Senhor falou a vós na montanha, em meio ao fogo, no dia da assembleia”.
Dt 10,2	“E <i>escreverei</i> , sobre as placas, as palavras que estavam sobre as primeiras placas, as quais despedaçaste; e as colocarás na arca”.
Dt 10,4	“E <i>escreveu</i> sobre as placas, de acordo com a primeira escrita, as dez palavras que o Senhor vos falara na montanha, em meio ao fogo, no dia da assembleia. E o Senhor as entregou a mim”.

Os paralelismos apresentados transmitem a imagem de um Deus que escreve. Ora o Senhor, Deus de Israel, afirma por meio de um discurso direto, fazendo uso da primeira pessoa do singular, sobre si mesmo o seguinte: “escrevi” (Ex 24,12) ou “escreverei” (Ex 34,1; Dt 10,2). Ora Moisés, em seus discursos diretos, afirma sobre Deus, com uso da terceira pessoa do singular, que este “escreveu” (Dt 4,13; 5,22; 10,4) ou que as placas eram “escritas com o dedo de Deus” (Dt 9,10). Ora a voz do narrador insiste na origem do que se lia nas placas: comenta que eram “escritas pelo dedo de Deus” (Ex 31,18) ou que “a escrita era escrita de Deus” (Ex 32,16). Resumindo: tanto os discursos diretos, atribuídos ao Senhor, Deus de Israel, e a Moisés, como a voz do narrador dão destaque, de diversas formas, à imagem de um Deus que escreve.

Em Ex 34,28 aparentemente, a formulação provoca certa ambiguidade: “E esteve ali com o Senhor quarenta dias e quarenta noites. Não comeu pão e não bebeu água. E *escreveu*, sobre as placas, as palavras da aliança, as dez palavras”. O texto versa sobre Moisés e o que este fez após ter subido, pela segunda vez, no monte Sinai. Destaca-se quanto tempo ficou ali, que não se alimentou e que “escreveu as dez palavras sobre as placas” (Ex 34,28d). Quer dizer, como nada indica uma mudança de sujeito, Moisés é apresentado como escritor das palavras que se leem nas *placas*. Para o ouvinte-leitor surge, com isso, a pergunta se aqui não surge uma contradição. Ora, pois, é Deus quem escreve, ora é Moisés.

Entretanto, tal oposição apenas é aparentemente uma verdadeira oposição. Ao imaginar-se que Moisés, nas *placas*, escreveu as palavras de Deus, tais palavras pertencem primeiramente a Deus mesmo. Moisés pode ser visto como um instrumento nas mãos de Deus, no sentido de que Deus escreve por meio dele. Aliás, não seria justamente assim que Deus atua neste mundo? Ou seja, Ele age através de seus profetas, os quais, ao serem sensíveis às Suas palavras, são capazes de transmiti-las. De forma igual, um profeta pode, então, também escrever a palavra de Deus, em vez de pronunciá-la em voz alta.

Existe também outra possibilidade de compreender o que está em Ex 34,28. Pode-se imaginar que um autor bíblico quis apresentar Deus como escritor e que outro autor bíblico tenha pensado em Moisés como autor. Ou seja, avaliando os textos bíblicos como contraditórios e/ou incongruentes, ora escreve Deus, ora escreve Moisés, os intérpretes biblistas chegam a optar por um modelo de existência de diversas

camadas, autorias e, com isso, teologias nas tradições bíblicas. Contudo, como já afirmado, as reflexões presentes nos textos bíblicos aqui mencionados podem ser conciliadas e, com isso, deixam de ser contraditórias e/ou incongruentes.

Enfim, de forma múltipla e diversificada, os textos no Pentateuco, no que se refere ao que se lia nas *placas*, imaginam Deus como quem escreveu ou a existência de uma escrita de Deus.

2.3. Aos cuidados de Moisés

O nome próprio *Moisés* (מֹשֶׁה) tem aparência de um particípio ativo masculino singular no grau do *Qal*, pensando-se a raiz verbal comumente traduzida como *tirar* (הָשָׁה). Tal etimologia é favorecida pelo livro do Êxodo, quando a “filha do faraó”, ao dar o nome a Moisés, diz sobre tal criancinha: “Eu o tirei das águas” (Ex 2,10)⁸¹.

Como personagem, Moisés ganha maior centralidade na Bíblia Hebraica e, especialmente, no Pentateuco. O nome dele é mencionado setecentas sessenta e seis vezes em toda Bíblia Hebraica. No Pentateuco, são quinhentas oitenta e sete menções (cf. Ex: 230^x; Lv: 86^x; Nm: 233^x; Dt: 38^x)⁸², também no Novo Testamento se trata do personagem veterotestamentário mais mencionado. São setenta e nove menções do nome de Moisés⁸³.

Como o evento do êxodo se tornou a memória fundante da religião do antigo Israel, Moisés se torna inseparável de tal memória. Conforme as narrativas bíblicas foi ele quem se tornou o instrumento na mão do Senhor, Deus de Israel, a fim de conduzir seu povo fisicamente para fora da sociedade que o oprimia. Além disso, ao Israel receber as leis no monte Sinai, ocorrendo o processo de transformação da experiência de libertação em um projeto jurídico, sendo que tais leis são compreendidas como mandamentos de Deus, Moisés ganha a característica de transmissor. Ou seja, Moisés é descrito como quem recebe as leis de Deus e as transmite ao povo⁸⁴.

⁸¹ Walter VOGELS, *Moisés e suas múltiplas facetas*, p. 30.

⁸² Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 1642-1643.

⁸³ J.STEGENGA; Alfred TUGGY. *Concordância Analítica Grego-Espanhola del Nuevo Testamento Grego-Español*, p. 519.

⁸⁴ Walter VOGELS, *Moisés e suas múltiplas facetas*, p. 181-209.

A abrangência do personagem Moisés impede aqui uma exposição detalhada do que caracteriza, de forma pormenorizada, tal figura, uma vez que o maior profeta que Israel viu (cf. Dt 34,10) tem “múltiplas facetas”⁸⁵: ele é apresentado como o herói popular (cf. Ex 1,1-2,22), homem de Deus (cf. Ex 2,23-4,31), libertador (cf. Ex 5,1-15,21), pastor e intercessor (cf. Ex 5,22-18,27), mediador e legislador (cf. Ex 19,41-40,38; Levítico e Nm 1,1-10,10, 10,11-20,13), pecador (cf. Nm 20,1-13), conquistador de terras (cf. Nm 20,14-36,13), esposo e pai (cf. Ex 2,21-22; Nm 12). Por excelência, porém, Moisés é dito profeta, ou seja, sensível à palavra de Deus e capaz de transmiti-la, sendo que “Israel nunca mais viu um profeta igual” a ele (Dt 34,10).

O que, por sua vez, é de grande interesse nessa pesquisa, é a relação entre *Moisés* e as *placas*. Em vista disso, será preciso consultar os seguintes trechos, lembrando que, no livro do Deuteronômio, se leem discursos diretos de Moisés, nos quais os pronomes da primeira pessoa do singular ou o verbo conjugado na primeira pessoa do singular se referem a este último:

Ex 24,12	E o Senhor disse a <i>Moisés</i> : “Sobe a mim, ao monte, e permanece ali! Vou te dar as <i>placas de pedra</i> , tanto a instrução como o mandamento, que escrevi para os instruíres”.
Ex 31,18	Quando Ele terminou de falar, deu a <i>Moisés</i> , no monte Sinai, as duas <i>placas do testemunho, placas de pedra</i> , escritas pelo dedo de Deus.
Ex 32,19	E aconteceu que, quando se aproximou do acampamento, e viu o bezerro e danças, se acendeu a fúria de <i>Moisés</i> , e lançou das mãos dele as <i>placas</i> e as despedaçou ao pé do monte.
Dt 5,22	“E o Senhor falou essas palavras a toda a vossa assembleia na montanha, em meio ao fogo, à nuvem e à escuridão. Houve uma voz alta. Nada acrescentou. Escreveu-as sobre duas <i>placas de pedra</i> e as deu a <i>mim</i> ”.
Dt 9,9	“Quando <i>eu</i> subi a montanha, para receber as <i>placas de pedra</i> , as <i>placas da aliança</i> , a qual o Senhor firmou <u>convosco</u> , permaneci na montanha quarenta dias e quarenta noites; não comi pão e nem bebi água”.

⁸⁵ Walter VOGELS, *Moisés e suas múltiplas facetas*, p. 87-262.

Dt 9,10	“E o Senhor <i>me</i> deu as <i>duas placas de pedras</i> , escritas com o dedo de Deus. Sobre elas tudo estava de acordo com as palavras que o Senhor <i>falou a vós</i> na montanha, em meio ao fogo, no dia da assembleia”.
Dt 9,11	“E aconteceu que, no final de quarenta dias e quarenta noites, o Senhor deu a <i>mim</i> as <i>duas placas de pedra</i> , as <i>placas da aliança</i> ”.
Dt 9,15	“ <i>Voltei-me e desci</i> da montanha e a montanha ardia em fogo, e as <i>duas placas da aliança</i> estavam sobre as <i>minhas</i> duas mãos”.
Dt 9,17	“ <i>Agarrei</i> as <i>duas placas</i> , <i>lancei-as</i> com <i>minhas</i> duas mãos e as <i>despedacei</i> aos vossos olhos”.
Dt 10,3	“E <i>fiz</i> uma arca de madeira de acácia e <i>lavrei duas placas de pedra</i> como as primeiras, e <i>subi</i> à montanha com as <i>duas placas</i> em <i>minhas</i> mãos”.
Dt 10,5	“E desci da montanha e coloquei as placas na arca que fiz”.

Enfim, esses são os trechos nos quais o leitor do Pentateuco encontra uma relação direta entre Moisés e as *placas*. Como se caracteriza mais exatamente tal relação? Aparentemente, as tradições do êxodo insistem em uma série de motivos diferentes.

Antes de tudo, conforme a narrativa em Ex 24,12, Moisés é visto como interlocutor para o Senhor, Deus de Israel. É “Moisés” a quem Deus se propõe a “dizer” algo (Ex 24,12a). No segundo momento, Moisés é exigido como quem deve deslocar-se. É preciso que “suba o monte” (Ex 24,12b) em direção “a” Deus (Ex 24,12b), a fim de “ali permanecer” (Ex 24,12c) na expectativa e na proximidade do Senhor. No terceiro momento, Moisés ganha a função de receptor, por causa de Deus querer lhe entregar algo. Ou seja, o Senhor, Deus de Israel, se compromete a “dar as placas de pedra” a Moisés (Ex 24,12d). A forma verbal do coortativo sublinha tal intenção. Deus, pois, dá uma ordem a si mesmo: “Vou te dar” (Ex 24,12d)⁸⁶. Assim, enfatiza seu desejo,

⁸⁶ Em relação ao *coortativo*, verificar em: Page H. KELLY, **Hebraico Bíblico**, p. 166.

sua intenção e/ou sua vontade. Mais ainda, ao contemplar a carga semântica da raiz verbal comumente traduzida como *dar* e/ou *oferecer* (נתן), percebe-se que as “placas de pedra” (Ex 24,12d) são vistas como uma dádiva ou um presente, entregue por Deus a Moisés. Contudo, tal presente não se limita à relação entre Deus e Moisés, mas, como intermediário e transmissor, Moisés deve transmitir o conteúdo inscrito nas *placas de pedra* a seu povo. Enfim, a tarefa de Moisés é “instruir os seus” (Ex 24,12f).

O segundo trecho aqui elencado (cf. Ex 31,18), no que se refere a Moisés, traz, no início, novamente a imagem de Deus como quem presenteia seu interlocutor. A voz narrativa afirma inicialmente que Deus “deu” algo “a Moisés” (Ex 31,18a). Ao continuar a escuta ou a leitura da frase, percebe-se que as “duas placas do testemunho, placas de pedra escritas pelo dedo de Deus” (Ex 31,18c-d), foram o objeto entregue. Além disso, também Ex 31,18 insiste no detalhe de existir um diálogo entre o Senhor, Deus de Israel, e Moisés. O diálogo chegou ao fim, focando-se o momento em que Deus “terminou de falar a ele” (Ex 31,18b), ou seja, a Moisés. No entanto, a narrativa visa o momento em que Moisés, ao descer da montanha, está com as *duas placas* sobre suas *duas mãos* (cf. Dt 9,15), o paralelismo aqui representado permite compreender que não existe distinção entre suas mãos para receber as *placas*. Tanto que Moisés as lança também com suas *duas mãos* (cf. Dt 9,17), o que não nos permite concluir se foi lançada uma de cada vez com suas duas mãos ou as duas placas lançadas de uma vez, cada uma em uma mão. Moisés também sobe a montanha com as *duas placas* em suas mãos (cf. Dt 10,3), após construir uma arca de madeira. Mãos humanas parecem aqui ter a possibilidade de carregar o direito promulgado por Deus.

Alguns dos trechos do livro Deuteronômio apresentados insistem no mesmo motivo e/ou na mesma imagem. No caso, Moisés afirma em relação às *placas*: o “Senhor... as deu a mim” (Dt 5,22) ou “o Senhor me deu as duas placas de pedra”, que são as “placas da aliança” (Dt 9,10.11). Além disso, Moisés chega a dizer: “Subi a montanha para receber as placas de pedra” (Dt 9,9). Nesse último caso, sublinha-se a contrapartida de Moisés em relação ao que Deus faz. Quer dizer: o Senhor dá e Moisés recebe. Com outras palavras: no que se refere às *placas*, a atitude de Moisés como receptor corresponde à atitude de Deus como doador. Mais ainda, o discurso de Moisés em Dt 9,9.11 deixa claro que o processo de recepção foi exigente: o profeta líder de Israel “permaneceu quarenta dias e quarenta noites na montanha, sem que comesse pão e sem que bebesse água” (Ex 34,28).

Com a recepção das *placas* por parte de Moisés, surge ainda outra imagem. Agora, ao descer da montanha, as *duas placas* se encontram “sobre as duas mãos dele” (Dt 9,15) ou, no caso das *segundas placas*, ao subir a montanha, elas estão “nas mãos dele” (Dt 10,3). Talvez o uso aparentemente simultâneo das duas mãos queira transmitir a noção de que as *placas* eram pesadas. Em todo caso, se trata das mãos de Moisés, no sentido das suas mãos o representarem. Quer dizer, Moisés não apenas “carrega” ou “leva todo o povo” (Nm 11,14), mas também carrega, “sobre” ou “em” suas “mãos as duas placas” (Dt 9,15, 10,3). Ou seja, tanto o povo oprimido como a mensagem libertadora se encontram vinculados a Moisés. As coisas estão nas mãos dele, no sentido de Moisés ser o líder chamado por Deus a fim de colocar a mão na massa, que é o projeto de inverter o destino dos miseráveis.

Nesse contexto metafórico, por sua vez, surge ainda outra possibilidade em relação às mãos de Moisés. Mãos, de um lado, podem segurar algo e, com isso, proteger um objeto. No entanto, também é possível que mãos, por outro lado, se tornem destrutivas. Nesse sentido, Moisés relata em seus discursos deuteronomicos: “Agarrei as duas placas, lancei-as com minhas duas mãos e as despedacei aos vossos olhos” (Dt 9,17). Isso corresponde ao que é narrado em Ex 32,19: Moisés “lançou as *placas* das mãos dele e as despedaçou ao pé do monte”. Percebe-se com isso que, caso não tivesse tido um segundo par de placas, o projeto de Deus, possivelmente, teria encontrado seu fim nas mãos destrutivas de Moisés.

Em contrapartida, por sua vez, as tradições do Pentateuco também apresentam Moisés como quem trabalhou para inverter sua ação destrutiva em relação às primeiras *placas*, objeto esse que o povo nunca viu. Nesse sentido, Moisés chega a afirmar em Dt 10,3: “Fiz uma arca de madeira de acácia e lavrei duas *placas* de pedra como as primeiras, e subi à montanha com as duas *placas* em minhas mãos”. Mais ainda, em relação a essas segundas placas, Moisés descreve como cuidou delas: “E descí da montanha e coloquei as placas na arca que fiz” (Dt 10,5).

Resumindo: conforme as tradições do Pentateuco, Deus deu as *placas*, tanto as primeiras como as segundas, a Moisés. Ou seja, Moisés as recebeu de Deus, para que ele cuidasse delas. Para isso, Deus dialogou com aquele que tinha escolhido para liderar o projeto do êxodo. No entanto, a tarefa de cuidar das *placas* com suas próprias mãos incluía também a possibilidade de Moisés as destruir. Em nenhum momento, pois, o

maior profeta que Israel já conheceu (cf. Dt 34,10) perdeu sua liberdade no que se refere ao projeto de Deus, representado pelas *placas*, e no que se refere à sua relação para com o povo liderado por ele. Moisés, de repente, tinha o direito de ficar nervoso e quebrar as coisas. No entanto, o mesmo Moisés, se esforça em seguida para que tenha um segundo par de *placas* e para que estas últimas fiquem disponíveis num lugar de honra, que é a arca guardada no santuário⁸⁷.

2.4. As dez palavras

As *placas de pedra* recebem as palavras da Aliança, sendo que estas são apresentadas e/ou pensadas como *dez palavras* (cf. Ex 34,28; Dt 4,13; 10,4). O número cardinal *dez* (עֶשְׂרִית) encontra-se, nesses textos, antes de um substantivo definido, no caso, as *placas*, e, portanto, no estado do construto⁸⁸.

Nas Sagradas Escrituras, os números figuram muitas vezes “[...] não como indicações de quantidades, mas como enunciações de qualidades, [...] as cifras tornam-se, porém, altamente significativas para quem conheça a mentalidade do autor e a afinidade que os antigos estabeleciam entre certos números e determinadas qualidades”⁸⁹. O número *dez* tornou-se importante, pois o homem primitivo, ao contar, recorria aos dedos das mãos, surgindo posteriormente o sistema decimal. Foi, então, sendo considerado como algo completo e/ou fechado em si. Esse número, porém, não possui significado simbólico como aparentemente acontece com os números sete e doze. É apenas um número fácil de contar⁹⁰.

A possibilidade de contagem dos mandamentos pode ser através dos dedos das mãos, o que permite uma sinergia. Então o sexto mandamento pode ser visto como consequência direta do primeiro. Assim a não realização deste último torna-se efetivamente um atentado ao próprio Senhor. Nesse sentido, o conjunto dos dez mandamentos evidenciam a importância do direito humano, de ordem pública, da

⁸⁷ Como afirmado anteriormente, a interpretação das tradições no Pentateuco referentes às *placas de pedra* avança aqui por meio de uma leitura sincrônica dos textos bíblicos. Seria possível observar certos contrastes que, eventualmente, indiquem elementos em vista de possíveis processos redacionais mais complexos. Nesse sentido, se observa, por exemplo, que, somente nos textos pertencentes ao livro do Deuteronômio, Moisés põe as placas na arca (Dt 10,3), detalhe não narrado no livro do Êxodo.

⁸⁸ Bruce K. WALTKE; Michael P. O’CONNOR, *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico*, p. 277.

⁸⁹ Estevão BETTENCOURT, *Para entender o Antigo Testamento*, p. 78.

⁹⁰ George V. PIXLEY, *Êxodo*, p. 144.

justiça social e moral, porém sempre com referência ao mesmo Senhor, fonte de toda existência.

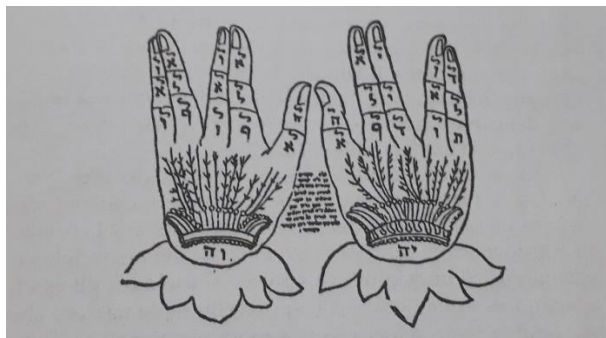
O primeiro mandamento afirma que Ele é o Senhor, nosso Deus. O sexto mandamento pode ser compreendido como uma consequência direta do primeiro. Imagina-se, pois, que, face à circunstância de o Senhor ser o criador e Pai de todas as suas criaturas, matar alguém fere quem criou tal criatura. Contudo, todo crime contra algo ou alguém pertencente à criação é um atentado ao Criador.

Em sequência, o segundo mandamento de não se prostrar diante de outros deuses corresponderia ao sétimo mandamento de não cometer adultério. O terceiro mandamento de não pronunciar o nome de Deus em vão equivaleria ao oitavo mandamento de não cometer um roubo, para o homem não se tornar um usurpador. O quarto mandamento, por sua vez, recordando-se do dia de sábado, estaria em relação com o nono mandamento de não mentir. Não se lembrar, pois, do dia do sábado seria o mesmo do mentir para o Senhor. No caso, o *Shabbat* é visto como dia da verdade para todo homem, o dia consagrado ao Senhor. Transgredi-lo significaria então testemunhar a mentira. O quinto mandamento de não honrar seus pais levaria ao desejo de cobiçar os bens pertencentes aos outros, algo proibido pelo décimo mandamento⁹¹.

Enfim, seguiu-se, nesse primeiro momento, a contagem judaica dos dez mandamentos. A simetria eventualmente existente entre os dez mandamentos, favorecendo-se a ideia de existirem pares e/ou estruturas mais amplas, é ilustrada pela imagem a seguir.

⁹¹ André CHOURAQUI. **I dieci comandamenti**: Il doveri dell'uomo nelle tre religioni di Abramo, p. 36-37.

Figura 12: *Mãos estendidas na bênção do sacerdote como símbolo cósmico*



Fonte: André CHOURAQUI, 2001, p. 36

Todavia, existem outras contagens, por mais que todas as contagens cheguem ao número dez, acolhendo-se a tradição bíblica de que nas *placas* se encontravam escritas dez palavras, no sentido de dez mandamentos (cf. Ex 34,28; Dt 4,13; 10,4). A tabela a seguir apresenta as diferentes tradições em relação à contagem dos dez mandamentos, sendo que as diferenças ocorrem entre as contagens católica/luterana, ortodoxa/reformada/anglicana e judaica⁹².

Mandamento	Tradição católica e luterana	Tradição ortodoxa, reformada e anglicana	Tradição judaica
Primeiro	Proibição de deuses alheios (Ex 20,2-5) ⁹³	Proibição de deuses alheios	O reino do Senhor sobre Israel
Segundo	Proibição do mau uso do nome de Deus (Ex 20,7) ⁹⁴	Proibição de imagens	Adoração de um só Deus e proibição de imagens (idolatria)
Terceiro	Mandamento do sábado (Ex 20,8-10) ⁹⁵	Proibição do mau uso do nome de Deus	Proibição do mau uso do nome de Deus

⁹² Christoph DOHMEN. *Exodus 19–40*. p. 99.

⁹³ Conforme o *Catecismo da Igreja Católica*, o *Primeiro Mandamento* inclui os seguintes itens: "Adorarás o Senhor, teu Deus, e o servirás", "Só a Ele prestarás culto", "não terás outros deuses diante de mim" e "Não farás para ti imagem esculpida de nada". Tais assuntos se estendem ao que se lê em Ex 20,2-5 (cf. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim, §§ 2083-2141).

⁹⁴ *Catecismo da Igreja Católica*: Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim, §§ 2142-2167.

⁹⁵ *Ibid.* §§ 2168-2195.

Quarto	Mandamento de honrar os pais (Ex 20,12) ⁹⁶	Mandamento do sábado	Mandamento do sábado
Quinto	Proibição de matar (Ex 20,13) ⁹⁷	Mandamento de honrar os pais	Mandamento de honrar os pais
Sexto	Proibição do adultério (Ex 20,14) ⁹⁸	Proibição de matar	Proibição de matar
Sétimo	Proibição de roubo (Ex 20,15) ⁹⁹	Proibição do adultério	Proibição do adultério
Oitavo	Proibição de testemunho falso (Ex 20,16) ¹⁰⁰	Proibição de roubo	Proibição de roubo
Nono	Proibição da concupiscência (mulher) (Ex 20,17; Dt 5,21) ¹⁰¹	Proibição de testemunho falso	Proibição de testemunho falso
Décimo	Proibição da concupiscência (bens materiais) (Ex 20,17; Dt 5,21) ¹⁰²	Proibição da concupiscência	Proibição da concupiscência

Além da questão referente à contagem, percebe-se um agrupamento dos dez mandamentos em três grupos. Seguindo neste momento a versão do Decálogo em Ex 20,1-17, é possível descobrir que o conjunto de leis começa com os mandamentos que se referem inteiramente a Deus (vv. 3-7). A segunda parte das leis no Decálogo visa à convivência respeitosa em estruturas familiares, sendo que Deus, de forma expressa, continua a ser mencionado (vv. 8-12). A última parte das leis no Decálogo, sem

⁹⁶ **Catecismo da Igreja Católica:** Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim, §§ 2197-2257.

⁹⁷ *Ibid.* §§ 2258-2330.

⁹⁸ *Ibid.* §§ 2331-2400.

⁹⁹ *Ibid.* §§ 2401-2463.

¹⁰⁰ *Ibid.* §§ 2464-2513.

¹⁰¹ *Ibid.* §§ 2514-2533.

¹⁰² *Ibid.* §§ 2534-2557.

mencionar Deus de forma direta, concentra-se na convivência com todas as pessoas (vv. 13-17). São defendidos os valores básicos da integridade física (v. 13), da relação matrimonial (v. 14) e do respeito à propriedade do outro (v. 15-17) como fundamentos da estabilidade social¹⁰³.

O Pentateuco narra a comunicação do Decálogo como fala direta de Deus, e isso ocorre duas vezes: ora em Ex 20,1-17, ora em Dt 5,6-21. Há pequenas diferenças entre as duas versões, no sentido de poderem ser observados acréscimos no texto do Deuterônomo¹⁰⁴. No livro do Êxodo, não se menciona a quem o Senhor, Deus de Israel, diz as palavras do Decálogo (cf. Ex 20,1). Portanto, a humanidade inteira pode se imaginar no lugar do destinatário. No livro do Deuterônomo, por sua vez, é Moisés quem ouve as palavras pertencentes ao Decálogo de Deus, a fim de anunciá-las depois ao povo (cf. Dt 5,5). Quer dizer, talvez as duas tradições pensem na mesma coisa. No entanto, o livro do Deuterônomo, nesse caso, diz mais do que o livro do Êxodo.

Todavia, o Decálogo é um conjunto de leis ao lado de outros. Nas tradições do Pentateuco, após a primeira apresentação do Decálogo em Ex 20,1-17, seguem-se outros conjuntos de leis: ver, por exemplo, o *Código da Aliança* em Ex 20,22-23,33 e o *Código da Santidade* em Lv 17-26. Existem ainda outros conjuntos de leis, sobretudo leis que se propõem a regularizar o culto. No livro do Deuterônomo, especificamente em Dt 12-26, o *Código Deuteronômico*, aparentemente, é pensado como um desdobramento dos dez mandamentos no Decálogo em Dt 5,6-21¹⁰⁵. Enfim, historicamente, não é possível responder com maior segurança se o Decálogo antecede os demais conjuntos de leis no Pentateuco ou se o Decálogo seria mais um resumo de legislações mais antigas e mais abrangentes. Em todo caso, cabe a ele uma especificidade própria, justamente por apresentar um conjunto de normas que se revelam como básicas e norteadoras no que se refere a todas as convivências. As *placas de pedra*, por sua vez, acolhem, segundo as tradições no Pentateuco, o que corresponde ao Decálogo, ou seja, as dez palavras deste último.

¹⁰³ Georg FISCHER; Dominik MARKL. *Das Buch Exodus*. p. 219-233.

¹⁰⁴ Para mais informações sobre tais diferenças, verificar em Jean Louis SKA, *Introdução à leitura do Pentateuco*, p. 63-67.

¹⁰⁵ Para mais informações sobre os conjuntos de leis verificar em Frank CRÜSEMANN, *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*, p. 159-282; Klaus GRÜNWALDT. *Olho por olho, dente por dente? O direito no Antigo Testamento*, p. 21-37.

Como destinatários, o Decálogo imagina pessoas que vivem realidades sociais e que se encontram expostos a crimes como elencados a seguir: são pessoas que têm pai e mãe (cf. Ex 20,12) e/ou filhos (cf. Ex 20,5.10), que poderiam, por ventura, cobiçar mulheres (cf. Ex 20,14.17), que possuem servos e servas (cf. Ex 20,10), terras de cultivo (cf. Ex 20,12), e gado (cf. Ex 20,10). Os destinatários, aparentemente, também tem contato com outras crenças, culturas religiosas e, por isso, outros deuses (cf. Ex 20, 3.5). Estão aptos a falarem o nome do Senhor em vão (cf. Ex 20,7), fazendo juramentos, inclusive participando como testemunhas ou acusadores em processos jurídicos (cf. Ex 20,16). Enfim, o Decálogo se destina a pessoas adultas, sobretudo, aos(às) agricultores(as) israelitas¹⁰⁶.

Resumindo: o Decálogo é apresentado, segundo a macronarrativa do Pentateuco, como resultado da experiência de libertação feita pelo povo escolhido no momento do evento histórico do êxodo. O preâmbulo do Decálogo (cf. Ex 20,1-2) destaca justamente tal realidade, quando o Senhor, Deus de Israel, antes de apresentar os seus mandamentos, afirma: "Eu sou o Senhor, teu Deus, quem te fez sair do Egito, da terra de servos" (Ex 20,2). Quer dizer, as leis pertencentes ao Decálogo, assim como as demais formulações jurídicas no Pentateuco, são a tentativa de transformar uma experiência histórica em um projeto jurídico, ou seja, em uma constituição. Faz sentido imaginar-se o Decálogo a partir da intenção de um legislador que insiste na "preservação da liberdade", sendo que esta última se fez presente como resultado da graça divina¹⁰⁷.

2.5. Placas do testemunho

Ao conferir todas as presenças do substantivo *placas* no Pentateuco, percebe-se que, em alguns momentos, se fala das *duas placas do testemunho*:

¹⁰⁶ Frank CRÜSEMANN, *Preservação da liberdade*, p. 25-31.

¹⁰⁷ *Ibid.* p. 73.

Ex 31,18	שְׁנֵי לַחַת הָעֵדוּת	“as duas placas do testemunho”
Ex 32,15	שְׁנֵי לַחַת הָעֵדוּת	“as duas placas do testemunho”
Ex 34,29	שְׁנֵי לַחַת הָעֵדוּת	“as duas placas do testemunho”

Com isso, surge a questão sobre o que o substantivo hebraico traduzido como *testemunho* (עֵדוּת) significa, assim como os outros substantivos e/ou verbo relacionados a esse substantivo, conforme quadro a seguir.

Palavra hebraica	Estudo morfológico	Significado
עוּד	Raiz verbal no grau do <i>hifil</i>	“testemunhar”
עֵד	Substantivo masculino	“a testemunha”
עֵדוּת ou עֵדוּת	Substantivo feminino	“o testemunho”

O verbo *testemunhar* (עָדַן), no grau do *Hifil*, significa *advertir, admoestar, ser testemunha* ou *testemunhar*¹⁰⁸. Nesse grau a raiz verbal é encontrada duas vezes em Gn (43,3^{2x}), duas vezes em Ex (19,21.23) e cinco vezes em Dt (4,26; 8,19, 30,19; 31,28 32,46)¹⁰⁹. O verbo abrange dois campos semânticos: 1. como verbo, ele aparece no contexto jurídico, dentro ou fora de um tribunal, ou no contexto religioso, quando uma situação judicial é imitada. Reflete, por um lado, a convocação ou a apresentação de testemunhas e, por outro, as atividades de tais testemunhas quando, justamente, testemunham. 2. Quando o verbo está ligado ao seu uso como עָדַן, sendo frequentemente traduzido como *testemunho*, os textos envolvem um figura de autoridade, seja o Senhor, seja um profeta ou outra autoridade pública, a qual anuncia autoritariamente um padrão ou uma lei, a fim de solicitar conformidade¹¹⁰. Dependendo da atitude do destinatário em não aceitar a mensagem ou o conteúdo da mensagem, por exemplo, um mandamento ou uma proibição, as traduções podem incluir: *ordenar, proibir, admoestar, ameaçar, repreensão*.

O substantivo masculino עָדָן é traduzido por *testemunha*, sendo que a forma feminina para indicar a mulher-testemunha é עָדָה¹¹¹. Trata-se da testemunha que está em posição de, no contexto de um julgamento, testemunhar algo para esclarecer os fatos de um caso. Outros substantivos femininos são עֲדוּת/עֲדוֹת e תְּעוּדָה, comumente traduzidos como *testemunho, estatuto, memorial, norma, atestação* ou *confirmação*¹¹².

Enfim, podem se distinguir seis campos semânticos, dependendo da questão da referência: a um indivíduo, a um grupo, a um objeto ou ao Senhor, e se o termo exhibe significado legal (no sentido estrito, ou seja, em um julgamento perante um tribunal ou fora de uma situação de julgamento) ou, de forma figurativa, um significado religioso. A categoria identificável com maior precisão é a da testemunha perante um tribunal (cf. Lv 5,1), permitindo-se aqui a melhor definição para esse substantivo. Trata-se de uma pessoa que viu ou compreendeu de alguma maneira uma ação com relação à qual uma pessoa é obrigada a testemunhar, obrigação esta imposta por meio de uma maldição condicional. Quer dizer, a testemunha viu algo e é obrigada a testemunhar por causa da

¹⁰⁸ Nelson KIRST; Nelson KILPP; Milton SCHWANTES; Acyr RAYMANN; Rudi ZIMMER. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**, p. 174.

¹⁰⁹ H. RINGGREN. Testemunhar. In: **Theological Dictionary of the Old Testament**, p. 498.

¹¹⁰ *Ibid.* p. 508-510.

¹¹¹ Nelson KIRST; Nelson KILPP; Milton SCHWANTES; Acyr RAYMANN; Rudi ZIMMER. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. São Leopoldo: Sinodal, p. 173.

¹¹² *Ibid.* p. 268.

convocação. Nem toda pessoa, porém, que se tornou testemunha ocular também é testemunha no sentido jurídico. Contudo, não testemunhar ou recusar-se a testemunhar pode incorrer em culpa (cf. 1Sm 12,5).

Todavia, o substantivo feminino תְּעֻדָּה, traduzido comumente como o *testemunho*, aparece vinte e uma vezes no Êxodo, duas vezes em Levítico, doze vezes em Números e três vezes no Deuteronômio¹¹³. Os textos em que as *placas de pedra* são mencionadas e são qualificadas como *placas do testemunho* (לְהוֹדוֹת תְּעֻדָּה) se encontram em Ex 31,18, 32,15, 34,29. Em que sentido, por sua vez, aquilo que se lê nas *placas* se torna testemunho? E mais exatamente, testemunho de que e/ou testemunho oferecido por quem e em relação a quem?

Inicialmente, pode se partir da seguinte ideia: quem testemunha, é o Senhor, Deus de Israel. O testemunho dele se dirige à comunidade formada pelo povo de Israel. Trata-se, em princípio, de um testemunho favorável a tal comunidade, no sentido de tal testemunho oferecer orientação em relação às convivências e ao comportamento de cada membro e cada membra pertencente à comunidade. Ao se entender que as *placas de pedra* trazem, como inscrição, um conjunto de dez palavras (cf. Ex 34,28; Dt 4,13, 10,4) talvez correspondente ao que se lê no Decálogo, palavras capazes de representarem todos os mandamentos e toda a instrução presentes no Pentateuco (cf. Ex 24,12), se ganha uma ideia clara sobre o conteúdo do testemunho presente nas *placas*. Quer dizer, os mandamentos, a instrução e/ou as dez palavras são o testemunho que o Senhor, Deus de Israel, apresenta a sua comunidade, testemunhando a verdade divina. Seja, porém, lembrado como é importante não reduzir a instrução de Deus ao decálogo. O próprio decálogo, como já foi visto anteriormente, compreende-se como resultado de um processo e de um evento histórico em que o Senhor, Deus de Israel, se propôs a inverter o destino do povo que se encontrava na miséria. Enfim, em vista disso, todo o Pentateuco, com suas partes narrativas e legislativas, se torna o testemunho de Deus na história do povo dele.

¹¹³ H. RINGGREN. Testemunhar. In: **Theological Dictionary of the Old Testament**, p. 498.

2.6. Palavras da Aliança

O substantivo *ברית* tem duzentas e oitenta e cinco presenças na Bíblia Hebraica¹¹⁴. Pode ser traduzido por *aliança, pacto, tratado, trato, compromisso, contrato, acordo, liga, concerto, conjuração*. Usa-se em campo profano, entre indivíduos e coletividades; em campo religioso como símbolo das relações do homem ou povo com seu Deus¹¹⁵.

Diversos elementos podem acompanhar um pacto: sinal, signo, marca, selo, maldições, cláusulas, termos, condições, estatutos, placas, documento, protocolos, e também são celebrados por pessoas¹¹⁶. Alianças são estabelecidas por indivíduos (cf. Gn 21,22, 26,23, 31,44, 47,29), entre estados e seus representantes (cf. 1Rs 5,26, 15,19, 20,34; 2Sm 3,13-21), entre reis e seus súditos (cf. 2Sm 5,3; 2Rs 11,17), entre o líder militar e seus soldados (cf. 2Rs 11,4), entre marido e mulher (cf. Ez 16,8; Mal 2,14; Pr 2,17). No nível figurativo, uma aliança pode existir entre homens e animais (cf. Jo 5,23, 40,28; Os 2,20) e também com a morte (cf. Is 28,15.18). Em certos casos, o pacto é patrocinado por uma terceira parte, agindo com mediadora. Essa é especialmente a característica da aliança com Deus, onde o homem de Deus (sacerdote, profeta, etc.) serve como mediador. Como é o caso de Moisés (cf. Ex 24,12) e de Josué (cf. Js 24), que fizeram uma mediação entre Deus e Israel. Joiada, o sacerdote, cumpre a mesma função (cf. 2Rs 11,17), o qual serve como mediador de uma dupla aliança: a aliança entre Deus e o rei/povo, por um lado, e entre o rei e o povo, em outra (aparentemente porque o rei ainda era menor). O povo conclui uma aliança com seu rei. Assim aconteceu com Davi, quando o fizeram rei (cf. 2Sm 3,21, 5,3). O mesmo é relatado por outros reis (cf. 2Rs 11,17): Sedecias fez uma aliança com o povo para proclamar a libertação dos escravos (cf. Jr 34,8ss)¹¹⁷.

Conforme as citações apresentadas a seguir, será possível verificar as diversas relações entre o substantivo *aliança* e as *placas*:

¹¹⁴ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 285-287.

¹¹⁵ Luis ALONSO Schökel, *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, p. 118

¹¹⁶ *Ibid.* p. 118-119.

¹¹⁷ Moshe WEINFELD, Aliança. In: *Theological Dictionary of the Old Testament*. p. 264.

Ex 34,28	E estive ali com o Senhor, quarenta dias e quarenta noites. Não comi pão e não bebi água. E escrevi, sobre as <i>placas</i> , as <i>palavras da aliança</i> , as dez palavras.
Dt 4,13	E vos revelou a <i>aliança</i> dele, a qual vos ordenou a cumprir: as dez palavras. E as escreveu sobre as duas <i>placas de pedra</i> .
Dt 9,9	Quando eu subi a montanha, para receber as placas de pedra, as <i>placas da aliança</i> , a qual o Senhor firmou convosco, permaneci na montanha quarenta dias e quarenta noites: não comi pão e nem bebi água.
Dt 9,11	E aconteceu que no final de quarenta dias e quarenta noites, o Senhor deu a mim as duas placas de pedra, as <i>placas da aliança</i> .
Dt 9,15	Voltei-me e desci da montanha e a montanha ardia em fogo, e as duas <i>placas da aliança</i> estavam sobre as minhas duas mãos.
1Rs 8,9	Nada havia na arca, somente duas <i>placas de pedra</i> , que Moisés havia colocado no Horeb, quando o Senhor concluiu a <i>aliança</i> com os filhos de Israel, ao saírem da terra do Egito.
2Cr 5,10	Nada havia na arca, somente as duas <i>placas</i> , que Moisés havia colocado no Horeb, quando o Senhor concluiu a <i>aliança</i> com os filhos de Israel, ao saírem do Egito.

Os escritos no Pentateuco ora identificam as palavras escritas sobre as placas como *palavras da aliança* (cf. Ex 34,28), ora imaginam as dez palavras escritas sobre as *duas placas de pedra* como resultado e/ou expressão da aliança que o Senhor concluiu com e/o revelou a seu povo no monte Horeb (cf. Dt 4,13). Em outros três momentos, o livro do Deuteronômio chama as *placas de pedra* de *placas da aliança* (cf. Dt 9,9.11.15). No mais, também o historiador deuteronomista e o historiador cronista criam uma relação entre as *placas de pedra* e a ideia da existência de uma *aliança* entre Deus e o povo dele (cf. 1Rs 8,9; 2Cr 5,10).

São criadas, portanto, relações entre um objeto material: as *placas de pedra*, um conjunto de formulações jurídicas ou leis que existem de forma escrita: as dez palavras, e uma ideia referente à relação que existe entre o Senhor, Deus de Israel, e o povo dele, a qual se daria na forma de uma aliança e/ou um pacto. As diversas dimensões podem misturar-se, dando origem a expressões diversas. As *placas de pedra*, de repente, são as *placas da aliança*.

Enfim, o fato de o Pentateuco insistir numa relação entre o substantivo *aliança*, um dos vocábulos teologicamente mais importantes para a religião do antigo Israel, e as *placas*, revela uma valorização ímpar do objeto material em questão. As *placas de pedra* são capazes de representarem o conjunto dos mandamentos de Deus, o resumo deles em dez palavras e a aliança existente entre Deus e o povo dele. Com isso, tornam-se um dos símbolos religiosos mais significativos nas Sagradas Escrituras de Israel e na primeira parte da Bíblia cristã.

Com isso, também pode imaginar-se que, assim como as *placas de pedra*, também a própria aliança entre Deus e o povo pode sofrer perigos. Ambas, por exemplo, podem ser quebradas, o que pode ser verificado na forma como Moisés despedaça as *placas de pedra* em Ex 32,19. Consequentemente, precisam ser refeitas, tanto as *placas* como a aliança, a não ser que se anule, de forma definitiva, o que uma vez existiu.

2.7. Instrução e mandamento

O primeiro versículo onde as *placas de pedra* são citadas narra o objeto com uma especificidade: recebe “tanto a instrução como o mandamento” (Ex 24,12) de Deus, e são dois substantivos marcantes e amplamente presentes na Bíblia Hebraica, o que demonstra a importância e a centralidade deles na cultura religiosa do Antigo Israel.

O substantivo hebraico *Torá* (תּוֹרָה) é traduzido como *instrução*. Também poderia ser *ensino*, sendo que a raiz verbal originária da expressão deve ser compreendida como *instruir* ou *ensinar* (יָרָה). Além disso, observa-se ainda um segundo substantivo provindo da mesma raiz verbal, o qual é bem compreendido como *mestre*, no sentido de *instrutor* ou *quem ensina* (מוֹרֵה) Eis os números das presenças de cada palavra em toda a Bíblia Hebraica: a raiz verbal *instruir* (יָרָה) aparece quarenta e

cinco vezes¹¹⁸; o substantivo *instrução* (תּוֹרָה) guarda duzentos e vinte e uma presenças¹¹⁹; o substantivo *mestre* (מוֹרֵה) é mencionado apenas cinco vezes¹²⁰.

A segunda das duas expressões programáticas, o substantivo *mandamento* ou *ordem* (מִצְוָה), aparece cento e oitenta e uma vezes na Bíblia Hebraica¹²¹, sendo que a raiz verbal *mandar* ou *ordenar* (צוּה) apresenta quatrocentos e oitenta e cinco presenças¹²².

Ambas as palavras *instrução* (תּוֹרָה) e *mandamento* (מִצְוָה), fazem parte de um campo semântico que ainda conta com outras expressões paralelas. Vale lembrar, os conceitos comumente traduzidos como “julgamento” (מִשְׁפָּט) e “prescrição” (חֹק). Entretanto, essas últimas duas expressões ganham maior visibilidade como plurais *judgamentos* e *prescrições*, servindo, dessa forma, como termos técnicos para as leis que o Pentateuco, em forma de diversos conjuntos, apresenta a seus ouvintes-leitores. Embora cada conceito tenha suas conotações específicas, no sentido de leis se tornarem instruções, mandamentos, julgamentos exemplares, ver as leis casuísticas, e prescrições, as quatro expressões aqui mencionadas, juntamente, insistem na importância das normas jurídicas e, com isso, do direito, sendo que este é parte integrante e/ou instrumento principal do que o projeto religioso do antigo Israel prevê em vista da construção autêntica de uma sociedade alternativa, sendo esta resultado da experiência histórica do êxodo, que permitiu que o Senhor, Deus de Israel, fosse experimentado como quem libertara seu povo dos oprimidos da escravidão no Egito.

Observa-se primeiramente que é o Senhor quem *instrui*. Ou seja, medita-se sobre o Deus de Israel como “instrutor” (Ex 4,12.15; 15,25; 24,12f; ver também Jó 36,22), por mais que seja possível falar também sobre o homem como “instrutor” (Ex 35,34). No entanto, também nesse caso, guarda-se o pressuposto de que é Deus quem “oferece ao coração” do homem a habilidade de “instruir” os outros (Ex 35,34), justamente por equipar tal pessoa com o “espírito de Deus” (Ex 35,31). Quer dizer, por mais que o homem instrua, ele o faz como instrutor anteriormente instruído por Deus. Mais ainda, a

¹¹⁸ Gerhard LISOWSKY, *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*, p. 639.

¹¹⁹ *Ibid* p. 1514-1515.

¹²⁰ *Ibid* p. 762.

¹²¹ *Ibid* p. 851-853.

¹²² *Ibid*.p. 1210 -1211.

“instrução (תּוֹרָה) do Senhor deve estar sempre na boca” da pessoa (Ex 13,9), o que vale igualmente “para o nativo e para o imigrante” (Ex 12,49). Para isso, por sua vez, no que se refere ao povo, Moisés, “para instruí-los” (v. 12f), precisa “julgar os casos e fazer conhecer as prescrições de Deus e a instrução dele” (Ex 18,16), no sentido de “ensinar as prescrições e as instruções”, ou seja, de “fazer saber o caminho em que se deve andar e a obra que se deve fazer” (Ex 18,20). Mesmo assim, as tradições do Êxodo estão conscientes de que esse processo é exigente. Assim, o próprio Senhor Deus é apresentado como quem se propõe a “pôr o povo à prova, para ver se anda de acordo com a instrução dele ou não” (Ex 16,4) e como quem fica decepcionado com seu povo, perguntando-o: “Até quando recusareis guardar meus mandamentos e minha instrução?” (Ex 16,28).

Junto ao conceito de *instrução* (תּוֹרָה), um segundo termo programático, igualmente formado por um substantivo hebraico singular feminino: *mandamento* ou *ordem* (מִצְוָה). Surge assim um paralelismo semântico das duas expressões em jogo, o qual é reforçado por uma assonância, sendo que esta é percebida ao se ler em voz alta o texto em hebraico. A raiz verbal por detrás desse substantivo *mandamento*, cinquenta e quatro vezes presente no livro do Êxodo, guarda os significados básicos de *mandar* e *ordenar* (צוּה). Enfim, “os mandamentos” do Senhor Deus precisam ser “escutados”, a fim de “fazer-se o que é reto aos olhos dele” (Ex 15,26). Ou seja, amar a Deus e guardar os mandamentos dele são atitudes correspondentes. De certo, somente dentro do contexto do conjunto das tradições que o Pentateuco transmite, formado por narrativas e conjuntos de leis, se percebe que a instrução e o mandamento ali definidos apenas se propõem a favorecer a sobrevivência digna de todos os membros do povo, garantindo convivências mais felizes e um futuro mais abençoado. Ou seja, justamente em vista desse destino tão almejado, a religião do antigo Israel insiste na importância de que Deus ‘manda’ e ‘ordena’ algo.

Trata-se, portanto, de conceitos capazes de resumirem a palavra de Deus e/ou toda a orientação que Ele oferece a seu povo, a fim de que este saiba caminhar rumo à felicidade, de acordo com a vontade de Deus. Enfim, as *placas de pedra*, em si mesmas, não têm valor, mas o valor delas nasce da instrução e do mandamento que trazem consigo. Aparentemente, o discurso do Senhor, Deus de Israel, esteja visando ao mandamento em geral, no sentido de este mandamento ser a soma de todos os

mandamentos, e à instrução, que, de acordo com a palavra hebraica, é a Torá, ou seja, o Pentateuco como um todo, sendo que essa obra literária é o direito e/ou a legislação do povo de Deus (Ex 24e).

Considerações Finais

Por meio de um estudo exegético de todas as menções das *placas de pedra* na Bíblia Hebraica, essa pesquisa evidenciou a importância desse objeto material nas tradições exodais. Embora as ocorrências pesquisadas façam parte de uma literatura antiga, as *placas* marcaram presença como objeto simbólico naquele contexto, e de alguma forma insistem em sua presença até os dias atuais.

O estudo das quarenta e três presenças das *placas* possibilitou concluir que mesmo de forma imaginada, assumiram uma representatividade e que, além disso, remetem à possibilidade de uma nova forma de vivência em sociedade, mais humana e mais justa, através de um projeto de liberdade possível de ser concretizado. Ou seja, as *placas* trazem a possibilidade de um novo modelo de comunidade embasada na experiência com o Deus de Israel e no comportamento que o próprio evento do êxodo propõe.

As primeiras investigações permitiram concluir que a materialidade da pedra indica a noção de algo indelével, duradouro, ou seja, uma construção divina, capaz de trazer o direito e, com isso, a justiça favorecida por este direito à memória do leitor.

Ao serem lavradas para receberem a escrita, evidencia-se o cuidado de Deus em esculpir algo para seus filhos e suas filhas. A dualidade pode levar ao pensamento que as leis se referem ora a Deus ora à convivência entre as pessoas. A unidade dessas duas intenções permite imaginar que aqui se favoreça um ensino fundamental para a humanização das relações, tanto a relação para com Deus como a relação entre as pessoas. Mesmo que as tradições daquele contexto assinassem contrato em duas vias e talvez por isso as *placas de pedra* tenham sido duas e escritas dos dois lados, o foco permaneceu no que nelas estava escrito e na sua autoria.

O fato de ser escrita com o dedo de Deus revela a presença do divino na constituição das leis do povo de Israel, ou seja, não foi promulgada por homens que podem ser muitas vezes injustos, parciais e tendenciosos. Torna-se o modelo jurídico possível de ser seguido, e interpela a uma avaliação de conduta, até porque quem a promulgou está ao lado dos oprimidos e se fez presente.

Relevante foi observar a existência das primeiras e segundas placas. Aliás, Moisés chega a quebrar o objeto que devia permanecer para sempre, descrevendo a nossa condição humana, que não compreende muitas vezes o projeto de Deus, com o devido compromisso e fidelidade. Mesmo assim, Moisés e conseqüentemente todo o povo, teve a oportunidade de permanecer em comunhão, afinal, por iniciativa divina, recebe novamente a possibilidade de reescrever a história e com isso também o projeto do êxodo pode ter continuidade.

Seguindo a narrativa exodal, tais placas receberam um lugar específico. Foram colocadas na arca. Assim, o projeto jurídico iria acompanhar, de forma simbólica, o povo em sua caminhada rumo à terra prometida, diferente dos povos vizinhos, os quais colocavam suas Leis na porta da cidade, fixadas e suscetíveis à destruição mais facilmente. Enfim, se favorecia que as Leis, os mandamentos e instruções do Senhor estivessem próximos ao povo em sua caminhada histórica, enfatizando também que não estavam condicionadas ao lugar em que foram criadas, o foco é sempre os filhos e filhas de Israel.

Também existe uma relação específica entre Moisés e as *placas de pedra*. Ele sobe ao Monte Sinai para recebê-las, e após quarenta dias retornou com sua face resplandecente, sendo que a montanha ardia em fogo, sinais que salientam a importância do momento da entrega das *placas* e da presença extraordinária de Deus.

No mais, afirma-se que, nas *placas de pedra*, estavam a instrução e o mandamento, o que significa dizer que o direito era parte integrante para o processo de construção de uma nação, e para esse povo foi promulgada por Deus, como resultado da experiência histórica do êxodo, projeto de libertação e inversão do destino dos miseráveis.

Enfim, ao insistir na relação entre as *placas de pedra* e a Aliança, a importância desse objeto é enfatizada. A Aliança entre Deus e seu povo é sempre uma

iniciativa divina, e mesmo tendo Moisés como mediador, é dom gratuito e para todos. E nesse caso não foi imposta, ou seja, na concepção dessa Aliança, o Deus de Israel oferece a oportunidade de ser aceita ou não, demonstrando o respeito à liberdade como também a possibilidade de renovação.

. Resumindo: as *placas de pedra* ganham, como objeto marcante, uma presença importante nas tradições exodais. Justamente isso foi investigado nos dois capítulos da Dissertação. O que, por sua vez, vale para a obra literária do Pentateuco, o objeto material ao qual este estudo se limitou, recebe certa continuidade nos demais escritos do Antigo Testamento, como já indicado anteriormente, e também na iconografia, como pode ser conferido a seguir.

Figura 13: *Moisés recebendo as Placas de Pedra*



Obra de Marc Chagall, óleo sobre tela

Figura 14: *Moisés recebendo as Placas com os Mandamentos*



Obra de Gebhard Fugel.

Figura 15: *Moisés no Monte Sinai com as Placas de Pedra*



Obra de Jean Léon Gérôme

Figura 16: *Moisés lançando as Placas*



“WHEN MOSES SAW THE GOLDEN IMAGE, HE CAST THE TABLES OF STONE UPON THE GROUND.”

Obra de Rafael Sanzio

Figura 17: *Moisés com as novas Placas de Pedra*



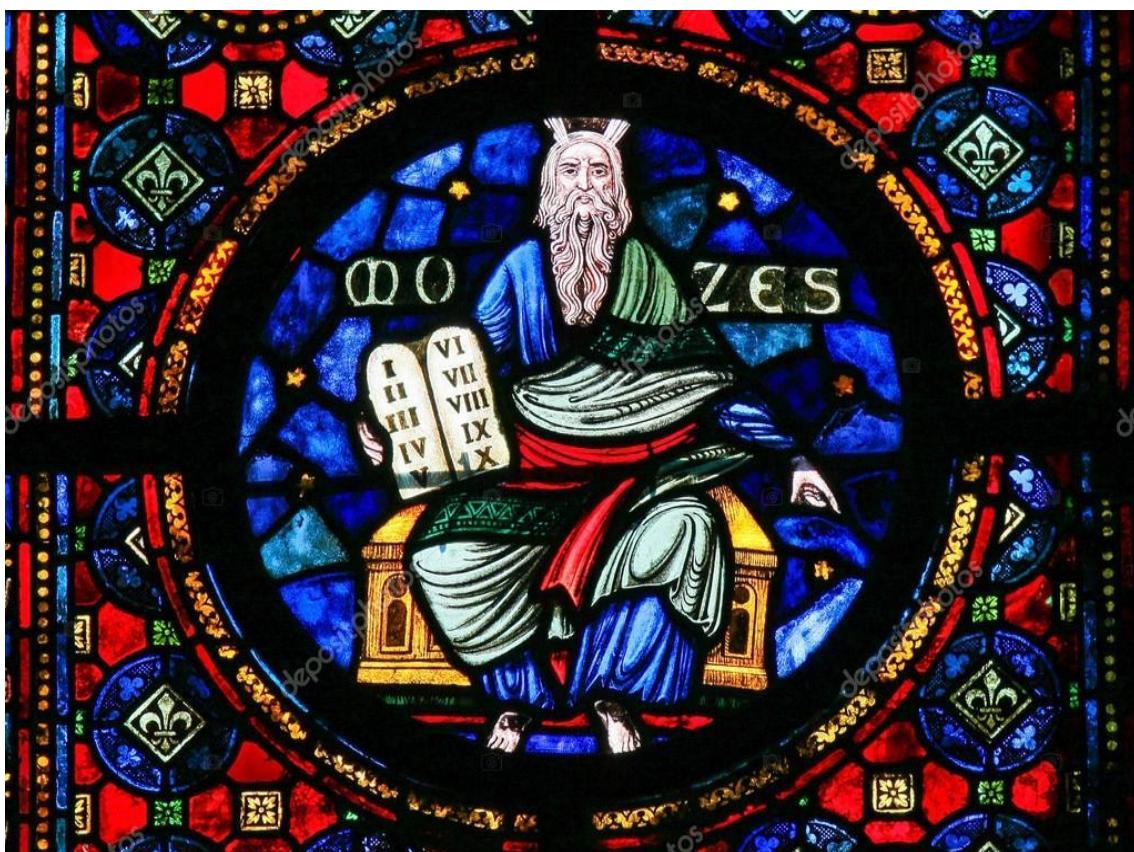
Obra de Rafael Sanzio

Figura 18: *Moisés lançando as Placas de pedra*



Obra do pintor holandês Rembrandt Harmenszoon van Rijn, encontra-se no Museu Oficial em Berlim

Figura 19: *Moisés com as duas placas de pedra contendo os Dez Mandamentos*



Obra encontra-se na Igreja de Dinant, Bélgica

Figura 20: *Moisés e os Dez Mandamentos*



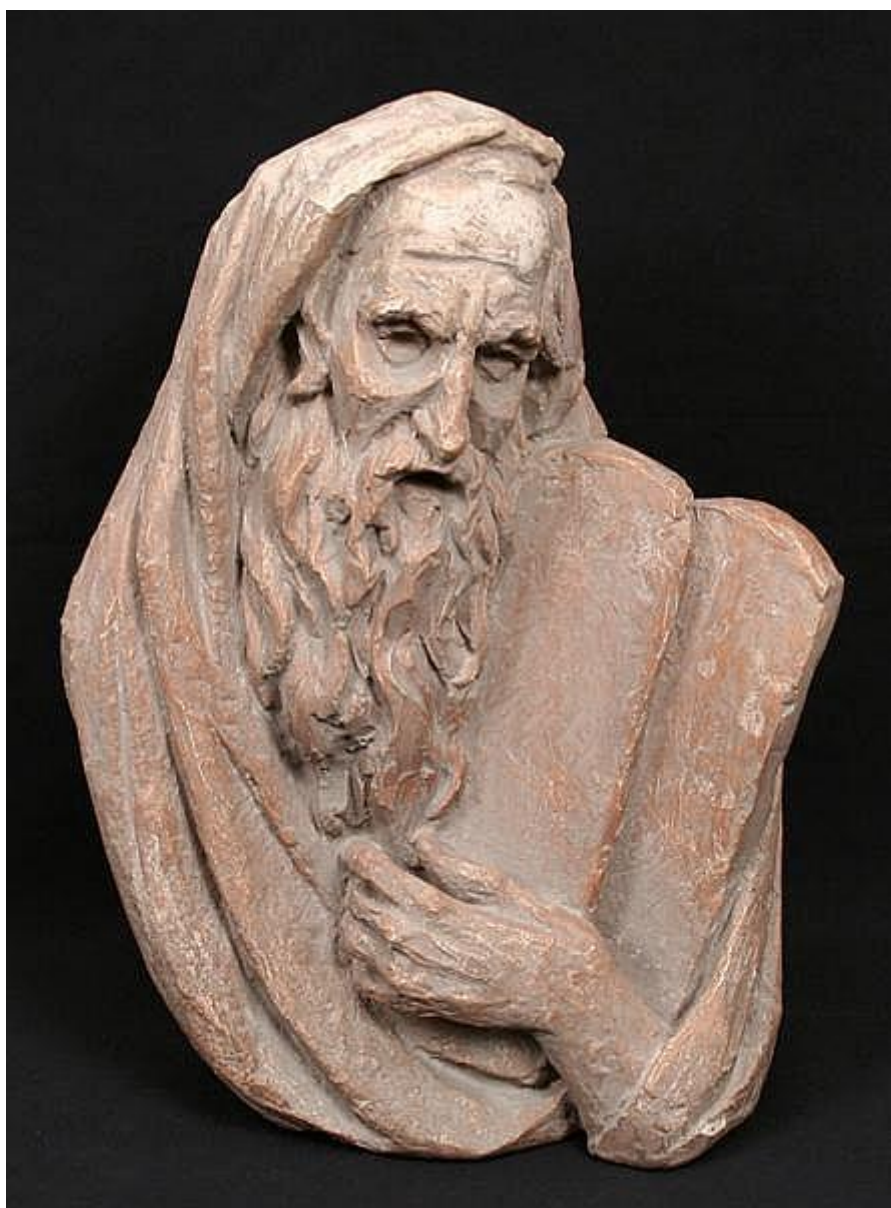
Obra de *Philippe de Champaigne*

Figura 21: *Moisés com as duas Placas de Pedra*



Obra de Michelangelo Buonarroti, encontra-se na Basílica de San Pietro in Vincoli, Roma

Figura 22: *Face de Moisés com as duas Placas de Pedra na mão*



Obra de Arnold Henry Bergier

Figura 23: Os mandamentos escritos em duas Placas de Pedra



Figura 24: *Púlpito da Igreja Metodista com as duas Placas de Pedra com os Mandamentos*



Fonte: Rosele Rosa, Igreja Metodista Central em Santos-SP, 2020.

Referências Bibliográficas

ALDEN, Robert L. Ferramenta de entalhar, pena. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

ALONSO, Luis Schökel. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 1997.

ARAÚJO, Gilvan Leite de. **Arca da Aliança**. Revista de Estudos Teológicos, Programa de Pós Graduação em Teologia. v.51, n.2, 234-248, jul/dez 2011.

AUSTEL, Hermann J. Jogar, atirar, lançar. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

AUSTEL, Hermann J. Segundo, duplo, repetição. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

BARBIERO, Gianni. **Dio di misericordia e di grazia: La rivelazione del volto di Dio in Esodo 32-34**. Casale Monferrato (AL): Portalupi Editore, 2002.

BAUMANN, A. Placas. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGGREN, Helmer, FABRY, Heins-Josef. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids Michigan, v. VII, 1977.

BETTENCOURT, Estevão. **Para entender o Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1965.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

BOAS, Alex Villas; GRENZER, Matthias. **A resistência das parteiras** (Ex 1, 15-22): especificidades de uma teologia literário-narrativa. Estudos de Religião, v. 12, n.1, 129-152, jan/jun 2015.

BOUZON, Emanuel. **As leis de Eshnunna: introdução, texto cuneiforme em transcrição, tradução do original cuneiforme e comentários**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOUZON, Emanuel. **O Código de Hammurabi**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 1999.

CHOURAQUI, André. **A Bíblia: Nomes (Êxodo)**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

CHOURAQUI, André. **I dieci Comandamenti: I doveri dell'uomo nelle tre religioni di Abramo**. Itália: Editora Oscar Mondadori, 2002.

CLINES, David J.A. **The Concise Dictionary of Classical Hebrew**. England: Sheffield Phoenix Press, 2009.

COPPE, Leonard J. Gravar. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

CRÜSEMANN, Frank. **A Torá: Teologia e História Social da Lei do Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CRÜSEMANN, Frank. **Preservação da Liberdade**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

DOHMEN, Christoph. **Exodus 19–40**. (Herders Theologischer Kommentar zum Alten Testament). Freiburg: Herder, 2004.

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. **Êxodo 15,22-18,27**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FISCHER, Alexander Achilles. **O texto do Antigo Testamento: Edição Reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

FISCHER, Georg; MARKL, Dominik. **Das Buch Exodus**. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009.

GALLEAZZO, Vinícius. **A estela de mesa uma introdução à arqueologia e à literatura de Moab**, 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.

GARCIA, Félix Lopez. **O Pentateuco: Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia**. São Paulo: Ave Maria, 2004.

GRENZER, Matthias. **Decidido a defender o oprimido** (Ex 2,11-15c). *Revista de Cultura Teológica*, v.12, n. 35, 129-139, jan/mar 2001.

GRENZER, Matthias. **O fracasso da política de opressão violenta** (Êxodo 1,8-14). *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, n.12, 141-163, 2014.

GRENZER, Matthias. **O projeto do êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

GRENZER, Matthias; WEBER, Fabíola. **Placas de pedra** (Ex 24,12). *Revista de Cultura Teológica*, ano XXVI, n. 91, 271-287, jan/jun 2018.

GROSS, Fernando. **O coração do faraó**, no livro do Êxodo e na tradição judaica, 106f. Dissertação (Mestrado em Teologia), Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

GRÜN WALDT, Klaus. **Olho por olho, dente por dente? O Direito no Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2009.

HAMILTON, Victor P. Quebrar, despedaçar. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOLLADAY, Willian L. **Léxico: Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

J.STEGENGA; Alfred TUGGY. **Concordância Analítica Grego-Espanõla del Nuevo Testamento Grego-Espanõl**. Barcelona: Clie, 1975.

KAEFER, José Ademar. **A Bíblia, a Arqueologia e a História de Israel e Judá**. São Paulo: Paulus, 2015.

KAISER, Walter C. Tábua. Prancha, Lousa. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KELLEY, Page H. **Hebraico Bíblico: Uma Gramática Introdutória**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

KIRST Nelson, et al. **Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português**. 27ª edição, São Leopoldo, Petrópolis: Sinodal, Vozes, 2013.

KLINGBEIL, Gerald A. **The Finger of God in the Old Testament**. In: Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft (ZAW), v. 112, 2000.

LAMBIDIN, Thomas Oden. **Gramática do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Paulus, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese Bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.

LISOWSKY, Gerhard. **Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

MAZAR, Amihai. **Arqueologia na terra bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2003.

NAVEH, Joseph. **Origins of the alphabets: Introduction to archaeology**. Israel: The Jerusalem Publishing House, 2004.

OTTO, Eckart. **A lei de Moisés**. São Paulo: Loyola, 2011.

PATTERSON, R.D. Ídolo, imagem. In: HARRIS R.Laird, ARCHER Gleason Leonard, WALTKE, Jr. Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

PIXLEY, George V. **Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 1987.

POZZER, Katia Maria Paim. **Escritas e escribas: o cuneiforme no Antigo Oriente Próximo**. Revista Clássica, v.11, n.11/12, 61-80, 1999.

RINGGREN, H. Testemunhar. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGGREN, Helmer, FABRY, Heins-Josef. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids Michigan, vol. X, 1977.

RÖMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome**. São Paulo: Paulus, 2016.

SCHNIEDEWIND, William M. **Como a Bíblia tornou-se um livro**. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHROER, Silva; STAUBLI, Thomas. **Simbolismo do corpo na Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de Exegese Bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SKA, Jean Louis. **Introdução à leitura do Pentateuco: Chaves para a interpretação dos primeiros cinco livros da bíblia**. São Paulo: Loyola, 2003.

SKA, Jean Louis. **O Antigo Testamento: Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele**. São Paulo: Paulus, 2015.

SKA, Jean Louis. **O canteiro do Pentateuco: Problemas de composição e de interpretação aspectos literários e teológicos**. São Paulo: Paulinas, 2016.

SKA, Jean Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos. In: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (orgs.). **Pentateuco da formação à recepção**. São Paulo: Paulinas, 2016.

VIEIRA, Jair Lot. **Código de Hamurabi: Código de Manu (Livros Oitavo e Novo) Lei das XII Tábuas**. São Paulo: Edipro, 2011.

VOGELS, Walter. **Moisés e suas múltiplas facetas: do Êxodo ao Deuteronômio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

WALTKE, Bruce K., O'CONNOR Michael P. **Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

WEINFELD, Moshe, Aliança. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGGREN, Helmer, FABRY, Heins-Josef. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids Michigan, v. II, 1977.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

ZENGER, Erich. **O Deus da Bíblia**: Estudos sobre os inícios da fé em Deus no Antigo Testamento. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ZWICKEL, Wolfgang. **Leben und Arbeit in biblischer Zeit**. Eine Kulturgeschichte. Stuttgart: Calwer; Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

Referências de Sites da Internet

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA. Disponível em:
<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfait_doc_19930415_interpretazione_po.html>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Disponível em:
<www.parliament.uk/about/living-heritage/evolutionofparliament/parliamentaryauthority/revolution/collections1/collections-glorious-revolution/billofrights/>;
<www.legislation.gov.uk/aep/WillandMarSess2/1/2/introduction>;
<www.britannica.com/topic/Bill-of-Rights-British-history>;
<www.bl.uk/collection-items/the-bill-of-rights>. Acesso em 19 de março de 2019.

VERBUM DOMINI. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_benxvi_exh_20100930_verbum-domini.html>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

Figura 08: O Código de Hammurabi.
Disponível em: <<https://guiadolouvre.com/codigo-de-hammurabi-rei-da-babilonia/>>. Acesso em 30 de abril de 2019.

Figura 09: A Arca da Aliança.
Disponível em: <<https://www.jesusnet.org.br/tabernaculo/arcadaal.htm>>. Acesso em abril de 2019.

Figura 10: O Monte Sinai
Disponível em: Qassem Company, Tourist Guide Book. Old City Jerusalem.

Figura 13: Moisés recebendo as Placas de Pedra
Disponível em: <<https://pt.wahooart.com/@@/8XYGQN-Marc-Chagall-Mois%C3%A9s-recebendo-o-comprimidos-dos-lei>>-. Acesso em novembro de 2019.

Figura 14: Moisés recebendo as Placas com os mandamentos

Disponível em: <<https://deniseludwig.blogspot.com/2013/09/pinturas-do-exodo-e-mois.html>>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 15: Moisés No Monte Sinai com as Placas de Pedra

Disponível em: <<https://deniseludwig.blogspot.com/2013/09/pinturas-do-exodo-e-mois.html>>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 16: Moisés lançando as Placas de Pedra

Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/vetor/mois%C3%A9s-lan%C3%A7ando-as-t%C3%A1buas-de-pedra-no-ch%C3%A3o-gm665089356-121142771>>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 17: Moisés com as novas Placas de Pedra

Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/vetor/mois%C3%A9s-com-os-novos-tablets-da-alian%C3%A7a-gm544963180-98058043>>. Acesso em: novembro de 2019.

Figura 18: Moisés lançando as Placas de Pedra

Disponível em: <<https://pt.wahooart.com/@/5ZKEF3-Rembrandt-Van-Rijn-Mois%C3%A9s-Smashing-as-T%C3%A1buas-da-Lei>>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 19: Moisés com as duas Placas de Pedra contendo os Dez Mandamentos

Disponível em: <<https://br.depositphotos.com/104255012/stock-photo-moses-and-the-stone-tablets.html>>. (Direitos de Autor:jorisvo). Acesso em novembro de 2019.

Figura 20: Moisés e os Dez Mandamentos

Disponível em: <<https://deniseludwig.blogspot.com/2013/09/pinturas-do-exodo-e-mois.html>>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 21: Moisés com as Duas placas de Pedra

Disponível em: <[https://www.wikiwand.com/pt/Mois%C3%A9s_\(Michelangelo\)](https://www.wikiwand.com/pt/Mois%C3%A9s_(Michelangelo))>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 22: Face de Moisés com as Duas Placas de Pedra na mão

Disponível em: <<https://www.invaluable.com/auction-lot/moses-sculpture-by-bergier.-1967-cast-plaster-bus-ndz16fioz1>>. Acesso em novembro de 2019.

Figura 23: Os mandamentos escritos em Duas Placas de Pedra

Disponível em: <https://www.123rf.com/photo_7039789_ten-commandments-written-on-stone-tablets-in-hebrew.html>. Acesso em novembro de 2019.